

Figueiredo não se envergonha dos crimes da ditadura

Eleição para presidente tem de ser direta

Convenção nacional rejeita participação do PMDB no Colégio Eleitoral bônico. Pág. 3

EDITORIAL

Fim de festa

Sobre 1.984 o presidente da República não tem nada a dizer. Nada sobre a fome, sobre o desemprego, sobre a dívida externa, sobre a inflação e muito menos sobre a corrupção desbragada envolvendo nomes das mais altas autoridades do país, de ministros, e familiares do próprio presidente. O chefe da nação não tem nenhuma perspectiva para o futuro.

No discurso de fim de ano, para 123 oficiais-generais, Figueiredo preocupou-se unicamente com a defesa estéril do desmoralizado regime militar implantado em 1.964. Sua lengalenga para enfeitar um sistema fracassado, marcado pela traição à pátria e pela espoliação impiedosa do povo, só poderia ser tolerada por este público fardado que de uma forma ou de outra é cúmplice e beneficiário dos crimes cometidos.

Em um discurso de fim de festa, quando os promotores do banquete se preparam para limpar a sujeira deixada pelos convivas mal-educados. O general ainda teve a coragem de confessar que não tem vergonha desta página negra, que já dura 20 anos, na história do Brasil. Só mesmo muita cara-de-pau para dizer isto. Ainda mais quando, ao mesmo tempo em que os donos do poder se deleitavam com a mesa farta, uma missão do FMI ditava para os tecnocratas do governo as exigências dos banqueiros internacionais para o orçamento do ano que vem. A orientação dos credores é apertar o cinto do povo, mais miséria e mais desemprego. Nem assim o general presidente se envergonha.

Mais ainda, o general reclamou da oposição — e dos que ele chamou de “forças ditas leais” — porque fazem pressão sobre o processo sucessório, no sentido de “mais velocidade” para a democratização do país. Isto é, depois de 20 anos de ditadura, Figueiredo se julga no direito de pedir mais alguns anos de arbítrio. Não tolera que os democratas repudiem a torpe manobra conti-

nústa do “mandato-tampão”, não aceita que a nação brade por eleições diretas. E fica indignado porque, devido ao enorme anseio de liberdade no país, muitos dos antigos colaboradores do regime já não podem manter-se leais ao esquema das Forças Armadas e passam a fazer coro com a oposição em favor da escolha direta do presidente.

O discurso, ôco mas cheio de arrogância ditatorial, mostra mais uma vez que não será por favores dos donos do poder que o povo sairá da crise. Mesmo no fim da festa, tentando justificar a imundície deixada pela orgia dos opressores, os generais não se dispõem a deixar o Palácio do Planalto. O regime não sairá de cena por si mesmo. Isto depende da união e da luta do povo, em aliança com todos os patriotas e democratas.

Os donos do poder podem não ter vergonha do que fazem. Mas os brasileiros não suportam mais pagar a conta de seus desmandos. O “condutor do processo sucessório”, que não conduz mais coisa nenhuma, pode reclamar à vontade junto a seus colegas de farda, mas os brasileiros vão multiplicar, nas ruas, nas fábricas, nas escolas, nos bairros, as iniciativas pela democracia. Por eleições diretas para presidente da República sem nenhuma prorrogação, sem nenhum tampão ilegítimo e continuista.

Ao mesmo tempo, os brasileiros percebem que o desmedido apego dos generais ao poder pode, ao contrário do que desejam, resultar numa grave crise de poder que desemboque na luta imediata por um novo governo de emergência. Também para esta eventualidade urge que, desde já, os trabalhadores e as massas populares se organizem, para que possa ser constituído um governo provisório, onde o povo se faça representar e tenha condições de defender os seus interesses imediatos de liberdade, de defesa da soberania nacional e de melhoria das condições de vida.



Missão do FMI impõe orçamento do Brasil

Fundo exige fim total dos subsídios a produtos populares. Pág. 4

Escalada militar dos EUA e Israel no Líbano

Reagan comanda ações de guerra contra tropas sírias e o povo libanês. Pág. 2

A defesa de nossa música na voz de Beth Carvalho

A sambista quer a união para pôr fim ao “sistema capitalista submisso e reacionário”. Veja na página 7



Beth Carvalho gravou o jongo no seu novo disco

“De nada nos envergonhamos” — proclamou o general Figueiredo, num discurso de defesa de tudo que a ditadura militar fez nestes 20 anos, desde as torturas e assassinatos até a dívida externa e a inflação de 200%. Os 123 generais que assistiam, num banquete de fim de ano regado a vinhos, champanha e com charutos, bateram palma. Página 3

“A paralisia infantil atingiu minhas pernas; meu maior desejo seria juntar-me aos bravos irmãos da Nicarágua”

fala o POVO



Brasilguaios: sem terra no Brasil, sem terra no Paraguai, sem ter aonde ir

Dez mil brasileiros expulsos do Paraguai

Eles são chamados *brasilguaios*, camponeses que migraram há anos, fiados em falsas promessas. Agora voltam sem nada. Pág. 8

Corrupção bilionária na CNTI de Campista

O arquipélago Ari Campista ganha Cr\$ 772 mil por mês mas tem saldo médio de mais de Cr\$ 12 milhões no Banco Real. Pág. 8

Fiasco da ditadura argentina

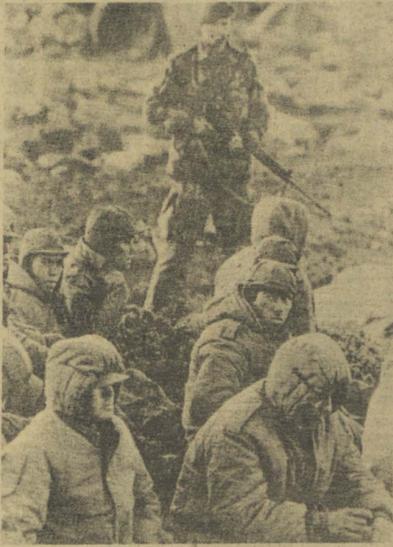
No próximo sábado, 10 de dezembro, toma posse na Argentina o presidente eleito Raul Alfonsín, da União Cívica Radical. É um fim melancólico de um período de bárbara e criminosa ditadura militar. A luta da classe operária e do povo da Argentina entra assim numa nova etapa que influencia diretamente a todos os países do chamado Cone Sul.

O fiasco do regime militar argentino sintetiza o fracasso de todas as ditaduras militares que se instalaram no nosso continente nas duas últimas décadas. Os generais fascistas portenhas tomaram o poder a 24 de março de 1976, com os mesmos argumentos de sempre: botar a "casa em ordem", exterminar a subversão e acabar com a corrupção. De lá para cá, implantaram um regime de terror bestial: mais de 20.000 pessoas foram assassinadas ou "desaparecidas" pelos milicos. Revelações recentes de um oficial argentino preso na Europa, dão conta de que era prática comum jogar presos políticos de avião ao mar. Isso sem falar na tortura indiscriminada, usada até em crianças e mulheres grávidas.

REPRESSÃO E ENTREGUISMO

Com base neste terror fascista, os generais montaram um modelo econômico de "portas abertas" para o capital internacional. Aplicaram uma política de "terra arrasada" para com a indústria nacional argentina. Depois de sete anos, o resultado deste entreguismo está aí para quem quiser ver: uma dívida externa de 40 bilhões de dólares, o país à beira da insolvência, 1 milhão e meio de desempregados segundo as estatísticas oficiais (15% da força de trabalho), inflação de 500% ao ano e a derrota vergonhosa perante os colonialistas ingleses na guerra das Malvinas do ano passado.

Nestes sete anos o povo argentino centrou todas as suas forças na luta pela conquista das mais

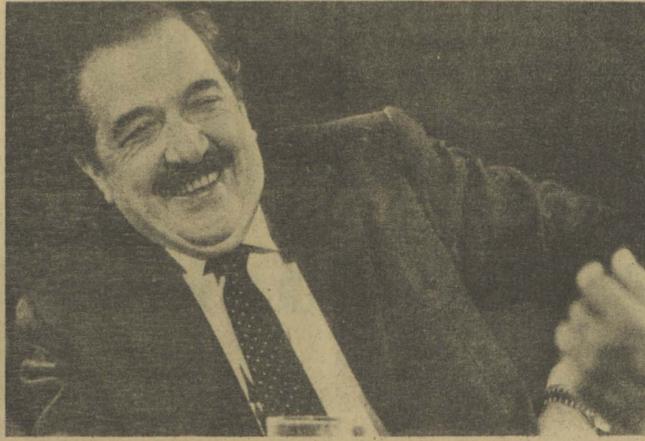


plenas liberdades políticas. Nos primeiros anos, a resistência democrática foi silenciada a ferro e fogo. Mas, em especial a partir de 1981, a classe operária tomou a dianteira da luta contra o regime entreguista e a sua política econômica.

A GUERRA ACELERA A CRISE

Quando a mobilização democrática nacional cobrava maior vulto, o general Galtieri jogou a cartada do conflito das Malvinas, tentando conquistar bases de apoio para o regime militar. O resultado foi o fiasco que todos conhecem. A partir daí, a classe operária argentina voltou à cena com força redobrada, explorando o desgaste da ditadura. Três vitoriosas greves gerais acabaram de enterrar o regime moribundo. A realização de eleições gerais em outubro foi o reconhecimento final da derrota. A ditadura militar argentina estava de tal maneira desmoralizada, que os generais resolveram até mesmo antecipar em um mês a data da posse do novo governo eleito.

Raul Alfonsín inaugura, assim, uma nova etapa na luta do povo trabalhador argentino, agora em condições de vigência de liberdades burguesas. A ânsia de participação popular é tão grande, que 30% da população se filiaram



Alfonsín terá de enfrentar com coragem a pesada herança dos militares, os "desaparecidos" e as Malvinas.

a partidos políticos a campanha eleitoral registrou comícios e concentrações que reuniram mais de um milhão de pessoas em praça pública. De imediato, no entanto, há dois problemas a serem enfrentados.

CRISE E FASCISMO

A crise econômica que assola o país e exige medidas corajosas e profundas, como o rompimento com o FMI, o não-pagamento da dívida externa contraída pelos generais, uma reforma agrária radical.

Outro problema é o perigo da

restauração do fascismo. Embora o povo esteja "vacinado" contra o fascismo o perigo persiste enquanto não for desarticulado todo o aparelho repressivo do regime que se decompôs. Em vez de significarem qualquer "revanchismo", a identificação, a punição e o afastamento de todos os militares envolvidos nas torturas, mortes e desaparecimentos, são condições essenciais para preservar as liberdades conquistadas a duras penas. A experiência argentina é um indicativo de que os ciclos das ditaduras militares ao Sul das Américas estão se esgotando.

Luis Fernandes



EUA-Israel fazem acordo de agressão

A visita do primeiro-ministro de Israel, Yitzhak Shamir, a Washington teve como consequência um brutal agravamento das ações de guerra no Líbano. Shamir assinou com Reagan um acordo político-militar de cooperação estratégica das forças israelenses e norte-americanas no Oriente Médio; logo após, 28 aviões ianques bombardearam tropas sírias, e uma bomba explodiu num bairro operário de Beirute, matar lo mais de 15 pessoas.

O acordo estabelecido entre o imperialismo norte-americano e os governantes de Israel, na semana passada, parece de fato ser um "pacto para a guerra" de grande envergadura. Os Estados Unidos chegaram ao ponto de anular uma dívida israelense de 2 bilhões de dólares, além de fazer novas e gigantescas promessas de entrega de armamentos a Tel-Aviv.

Ao voltar de Washington, Shamir afirmou que o principal objetivo do novo pacto com os Estados Unidos era deter a crescente influência e envolvimento da União Soviética no Oriente Médio. Pura balela. Já há algum tempo o social-imperialismo bate em franca retirada na região, perante a agressividade do imperialismo ianque. O acordo Shamir-Reagan insere-se, na verdade, na estratégia agressiva de Washington, voltada no momento para a utilização direta de tropas americanas e para a ocupa-



Shamir (acima) assina acordo com Reagan para agressão aos árabes.

ção militar do Líbano. Reagan está disposto, agora, a expulsar os sírios do Líbano, dentro desta perspectiva, mesmo que isso implique o risco de um confronto direto com Moscou no Oriente Médio.

ATAQUE AOS SÍRIOS

A prova disto está na sucessão de acontecimentos que se desenrolaram após o retorno de Shamir a Israel. No sábado, 3 de dezembro, aviões da força aérea israelense bombardearam bases sírias nas montanhas centrais do Líbano. No dia seguinte, aviões norte-americanos bombardearam exatamente o mesmo alvo, sendo que

dois bombardeiros ianques foram derrubados pelas baterias antiaéreas sírias — um piloto americano morreu e outro foi capturado pelo Exército sírio.

Horas depois do ataque dos aviões de Reagan, as forças patrióticas libanesas atacaram as posições dos *marines* no aeroporto internacional de Beirute, provocando a morte de pelo menos oito soldados norte-americanos. Em seguida, os navios de guerra ianques abriram fogo contra as posições dos sírios e dos libaneses progressistas nos arredores da capital libanesa.



Piloto americano abatido pelos sírios.

TERROR ISRAELENSE

Na segunda-feira, 5 de dezembro, um carro-bomba com 150 quilos de dinamite explodiu contra um edifício no bairro operário de Beirute, matando sobretudo crianças. Uma tal Frente de Libertação do Líbano dos Estrangeiros assumiu a autoria do atentado. Resta perguntar por que a bomba não foi jogada contra as tropas de ocupação de Israel, se o objetivo era expulsar os estrangeiros do Líbano, e sim contra os trabalhadores libaneses. Na verdade foi uma ação dos serviços de espionagem de Israel.

Solidariedade Latino-Americana



Ato de solidariedade latino-americana: mais de 400 populares presentes.

Mais de 400 pessoas lotaram o plenário da Assembléia Legislativa, em Porto Alegre, no ato público de Solidariedade Latino-Americana, em 1º de dezembro, com a participação de diversas entidades uruguaias, sindicais e de direitos humanos brasileiros, e dos partidos de oposição. Os manifestantes pediam a unidade dos povos latino-americanos por sua libertação.

Vários pronunciamentos condenaram "a política dos EUA para com as nações da América Latina, alvo de constantes agressões e desrespeito ao princípio de autodeter-

minação dos povos". Também denunciaram os preparativos imperialistas para invadir a Nicarágua, com a concentração de mais de seis mil *marines* nas suas fronteiras.

Condenação semelhante sofreram as ditaduras militares implantadas na região. Foram enaltecidas as jornadas de protesto contra a ditadura de Pinochet, no Chile, e as manifestações realizadas no Uruguai contra o regime fascista. Vários oradores saudaram a realização de eleições diretas na Argentina, que representaram uma derrota dos generais.

Povo venezuelano vota em peso na oposição

Na eleição (direta) para presidente da Venezuela, domingo, dia 4, repetiu-se uma tendência que parece correr o mundo: Rafael Caldera, do Partido Social Cristão, que se achava no poder, foi amplamente derrotado pelo opositor Jaime Lusinchi, da Aliança Democrática, por 31% contra 50% dos votos.

O eleitorado usou as urnas para protestar contra uma linha de governo baseada no desenvolvimento capitalista dependente da metrópole americana, que colocou a Venezuela entre os países mais atingidos pela crise. Hoje, a dívida exter-

na sobe a 30 bilhões de dólares, as receitas com exportação de petróleo declinam (20 bilhões de dólares em 1982, 16 bilhões em 83 e 13 bilhões previstos para 84), os desempregados somam 17% da mão-de-obra, a corrupção campeia. Tinha que dar oposição.

Não se esperam, contudo, grandes mudanças: a substituição de um presidente democrata-cristão por outro social-democrata foi absorvida com tranquilidade pelos EUA de Reagan, já que Lusinchi promete manter basicamente o mesmo modelo atual.

PCF renova apoio ao governo de Mitterrand

O partido eurocomunista francês, de George Marchais, resolveu reforçar o governo do presidente François Mitterrand, do PS. Os revisionistas decidiram atenuar suas críticas ao governo social-democrata que, desde que foi empossado, há dois anos, aumentou de 1 milhão e 600 mil para quase 3 milhões o número de desempregados no país; atacou os revolucionários que lutam pela libertação do Chade e participa da atual guerra contra os palestinos no Líbano, ao lado dos EUA e de Israel.

foram presos — o povo reagiu, incendiando veículos e respondendo com pedras aos ataques da polícia.

Comunista britânico morreu em desastre

O Partido Comunista Revolucionário Britânico (marxista-leninista) anunciou a trágica morte de um de seus fundadores e membro de seu Birô Político, John Buckle, no recente desastre de um avião da Avianca, em Madri. O Partido promete em sua nota "transformar a dor em força, levando adiante seu glorioso trabalho".

Polícia ataca ato de protesto na Polônia

A polícia polonesa atacou, no último dia 4, uma manifestação de cerca de 500 pessoas em homenagem a nove mineiros mortos pela repressão em 13 de janeiro de 1981, um mês depois do golpe militar do general Jaruzelski. Este, também no dia 4, advertiu que seu governo não tolerará quaisquer "desafios" à orientação política e econômica que vem dando ao país.

Conferência na Colômbia

O jornal "Revolución", órgão do Partido Comunista da Colômbia (marxista-leninista), informou que foi realizado recentemente no país a Primeira Conferência Nacional de Quadros do Partido. O comunicado avaliou este como principal acontecimento na vida democrática do Partido desde seu 11º Congresso. A Conferência destacou a necessidade de intensificação da luta contra o revisionismo e o oportunismo.

Tribuna Operária
Cr\$ 150,00

Pesquisa revela os números da miséria:

- ➔ 80% ganham até 3 salários mínimos
- ➔ 10 milhões ganham até 1/2 salário
- ➔ 21 milhões ganham 1 salário

Tribuna Operária, o melhor presente para este Natal!

Na assinatura anual, você ganha 17 exemplares da sua imprensa operária. Com a assinatura semestral, você também paga apenas Cr\$ 70,00 por exemplar. É informação sem inflação...

Desejo receber em casa a Tribuna Operária

- () Anual de apoio (52 edições) Cr\$ 10.000,00
- () Anual Comum (52 edições) Cr\$ 5.000,00
- () Semestral de apoio (26 edições) Cr\$ 5.000,00
- () Semestral comum (26 edições) Cr\$ 2.500,00
- () Exterior, anual 70 dólares

Envio cheque nominal à Editora Anita Garibaldi Ltda., Rua Adoniram Barbosa, 53 (antiga Travessa Brig. Luiz Antônio) - Bela Vista - São Paulo, SP - CEP 01318

Nome: _____
Endereço: _____

Cidade: _____ Estado: _____ CEP: _____
Profissão: _____ Data: _____

Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

PMDB reivindica diretas mas reforça moderados na direção

Num clima de muita tensão, aguerrida combatividade dos setores populares e democráticos e apatia dos moderados e conciliadores, o PMDB realizou, no último dia 4, a sua Convenção Nacional. A defesa das eleições diretas para presidente da República e, contraditoriamente, a inclusão de um biónico na executiva do partido, foram as tônicas do encontro.

No campo da luta pelas eleições diretas, a Convenção tomou algumas decisões importantes. A reunião dos presidentes dos Diretórios Regionais do PMDB definiu um calendário prévio da campanha nos

Estados. A Comissão de Moções aprovou duas mensagens que se referem explicitamente à campanha pelas diretas. Uma, de autoria do senador mineiro Itamar Franco, que condena a participação do PMDB no espúrio Colégio Eleitoral, repudia o mandato-tampão e o processo de indicação indireta do novo presidente da República. A moção também estabelece que o partido renuncia a apresentar candidato no viciado Colégio Eleitoral. Por uma manobra da mesa que dirigia os trabalhos, essa moção foi aprovada, mas obrigada a ser referendada por uma Convenção Nacional Extraordinária, a ser realizada até meados de abril do próximo ano.

A outra moção aprovada foi a do deputado-operário Aurélio Peres, que institui o Movimento Teotônio Vilela pelas Eleições Diretas. O movimento deverá ter caráter suprapartidário, abrangendo os setores representativos de toda a sociedade civil, e terá a função de coordenar nacionalmente a luta pelo pleito direto. A moção aprovada prevê, ainda, a criação de comitês estaduais, municipais e zonais do movimento Teotônio Vilela, como forma de estender a campanha a todos os cantos do país.

DISPUTA NA DIREÇÃO
Com pouca participação popular, à exceção de um vibrante grupo de militantes do Bloco Popular do PMDB, a Convenção também caracterizou-se por uma acirrada disputa pela direção do maior partido de oposição. De um lado os conciliadores, que pregam a tese do entendimento e da negociação com o governo militar; de outro, os setores democráticos mais avançados, que contam com o apoio das bases partidárias e do conjunto da nação e defendem a luta intransigente pelo fim do regime militar, pelas eleições diretas para presidente da República e pela convocação de uma Assembleia Nacional Constituinte, livre e soberana.

Essa divergência foi canalizada na disputa pela secretaria-geral do partido, antes ocupada pelo combativo deputado baiano Francisco Pinto. O grupo Unidade, que representa o setor conciliador e moderado desta frente oposicionista, fez questão de patrocinar a indicação de um ex-senador do PDS, o paranaense Afonso Camargo. Devido aos conchavos da cúpula partidária e à vacilação dentro do próprio grupo Travessia, que aglutina os setores mais avançados do partido, o grupo Unidade foi vitorioso nesta batalha.

A sua indicação causou grande revolta. Cristina Tavares, deputada de Pernambuco, foi bastante aplaudida ao afirmar: "Se Teotônio Vilela fosse vivo, esse insulto, essa provocação bionica não cairia sobre nós". Já o deputado Aldo Arantes, de Goiás, foi taxativo: "O mandato de Afonso Camargo é espúrio e ilegítimo. Não é possível se admitir que, nessas condições, ele possa ocupar o lugar de Chico Pinto que em toda a sua vida sempre recebeu o voto popular". Para o deputado-operário Aurélio Peres, "isso tudo mostrou claramente que as posições mais avançadas e combativas só são vitoriosas quando se luta para defendê-las. A esquerda nunca conseguiu se firmar através de acordos ou negociações de cúpula".

Uma outra vacilação do grupo auto-denominado "esquerda independente", no interior do Travessia, ainda impediu que Francisco Pinto fosse indicado para a 1ª vice-presidência do partido.

PRESO AO COMPROMISSO
Apesar destes revezes, os setores populares e democráticos transformaram, com sua combatividade, a Convenção Nacional num ato contra a conciliação. Seja nos discursos dos diversos oradores, seja nas palavras de ordem gritadas com entusiasmo pelos militantes nas galerias, seja nas propostas e moções aprovadas em favor da campanha pelas diretas, a conciliação não teve espaço. O único orador que teve coragem de pregar abertamente o entendimento com o regime militar foi o ex-presos político Ricardo Zaratini, que acabou levando uma forte vaia. Neste sentido a Convenção marcou a consolidação dos setores populares no interior do PMDB, que constituíram o Grupo Teotônio Vilela (ver box) com o objetivo de fazer frente à conciliação e empurrar o partido para o combate firme ao governo dos generais. Embora tenham conseguido vitórias no controle da cúpula partidária, os moderados e conciliadores terão muitas dificuldades para encaminhar suas propostas atrasadas nas bases do partido. (M.O.F., Brasília)



O general-presidente, ladeado pelos ministros militares, discursa para 123 oficiais-generais

Figueiredo faz a apologia da ditadura militar

"De nada nos envergonhamos", enfatizou o general Figueiredo quarta-feira dia 7, ao discursar no banquete de fim de ano dos 123 oficiais-generais do Exército, Marinha e Aeronáutica. Falava da ação dos militares nos 20 anos de ditadura, que defendeu com unhas e dentes, dizendo que é um "grande engano" pensar que haja uma "mea culpa" dos golpistas.

Mais ainda que nos anos anteriores, foi um típico discurso de general para generais. Os seletos convivas do almoço no Clube Naval ouviram e aplaudiram uma defesa de si próprios, feita na primeira pessoa do plural, enquanto saboreavam seu filé de hadock à bel rei, bebericavam champanha De Greville e apreciavam as belas mocinhas que circulavam oferecendo charutos e cigarros.

Embora tenha prometido no início "uma análise crítica do papel que desempenharam as Forças Armadas", Figueiredo não fez uma crítica sequer, mesmo nas entrelinhas. Silêncio absoluto sobre a política de entrega da Nação aos capitais estrangeiros, sobre o endividamento externo exacerbado até a violação da soberania nacional, sobre as incontáveis torturas, assassinatos e "desaparecimentos" de adversários políticos nos porões da ditadura fascista,

sobre o esfomeamento do povo trabalhador e a proliferação nunca vista da corrupção.

Pior ainda, o general erigiu o golpe e a ditadura das Forças Armadas num postulado de sua sociologia de quartel. "Fim do diálogo, o entendimento, a composição, sempre restou à sociedade, em litígio interno, o apelo à intermediação do seu segmento militar" — disse, um pouco como quem profere uma ameaça. E adiante voltou a sublinhar: "O fundamental, o básico para a condução segura do processo de democratização, está sendo realizado: o fortalecimento das instituições, inclusive o das instituições militares. Se assim não for, será o retorno ao caos, à desordem, à indisciplina, à exacerbação de todos os apetites".

POSTURA DEFENSIVA
A agressividade, todavia, misturou-se no discurso aos generais com uma postura de

governo reduzido à defensiva, acuado mesmo. Apenas os militares ganharam elogios. O restante foram farpas, não só contra a oposição mas igualmente contra as "forças ditas leais" e as "defecções de aliados", mostrando a que ponto chegou o isolamento do regime neste fim de mandato do seu quinto general-presidente.

Quanto às grandes questões do presente e do futuro da Nação, Figueiredo silenciou. Nenhuma palavra sobre a dívida externa, o desemprego, a recessão, a carestia de vida e o arrocho dos salários. Nada sobre as eleições diretas para presidente, reclamadas por pelo menos nove em cada dez brasileiros. Fica a impressão de que o isolamento do regime alcançou um grau em que seu projeto político reduz-se à sobrevivência.

O general queixa-se dos que querem "mais velocidade" — por exemplo a restauração das eleições presidenciais diretas. Julga, provavelmente, que 20 anos de poder militar ainda é pouco. Resta saber se o país e em especial as massas trabalhadoras, que pensam justamente o contrário, tolerarão por mais tempo esse regime.

Nova LSN mantém caráter fascista e arbitrário

O Congresso Nacional aprovou, na semana passada, a nova Lei de Segurança Nacional enviada pelo governo, por acordo entre as lideranças de todos os partidos. O PMDB destacou que votava a favor apenas para permitir a libertação dos atuais presos políticos condenados pela LSN, mas continua lutando pela revogação da Lei de Segurança Nacional.

A nova Lei de Segurança Nacional aprovada pelo Congresso representa um pequeno avanço em relação à lei anterior, mas mantém em sua essência todo o espírito fascista e reacionário da legislação de exceção. Foram retirados de seu texto diversos artigos referentes a crimes que antes eram punidos por ela, como os chamados crimes de opinião, os artigos que puniam as greves nos serviços e atividades consideradas essenciais, o artigo que punia quem facilitasse a fuga de presos e o que permitia ao Ministro da Justiça apreender arbitrariamente qualquer publicação, disco, fita, etc. A supressão desses artigos poderá beneficiar os padres franceses Camio e Gouriou,

os treze posseiros do Araguaia e os diversos jornalistas encarcerados com base na LSN.

LEI FASCISTA
Mas a marca do arbítrio fica logo evidente quando a lei mantém o absurdo do julgamento de civis por tribunais militares. Ou seja, os tribunais da ditadura continuam em ação.

Das 120 emendas apresentadas ao Projeto, apenas oito foram aceitas pelo relator do PDS, deputado Otávio Cesário. Sintomaticamente, todas as emendas aceitas dizem respeito apenas a aspectos formais. Nenhuma emenda

que alterava aspectos fundamentais do conteúdo foi incluída.

O caráter fascista da nova LSN se mantém, por exemplo, nos artigos que punem quem integrar partidos proscritos, a propaganda de processos de alteração da ordem social bem como a chamada "incitação da subversão da ordem pública e social". Redigidos de forma extremamente vaga e genérica, esses artigos podem ser aplicados indistintamente contra todos os patriotas e democratas que combatem o regime militar.

REVOGAÇÃO INTEGRAL
Para o deputado baiano Haroldo Lima, ex-presos político, autor de três emendas rejeitadas, entre elas uma que incluía na LSN o crime de traição nacional, o caráter da nova lei não se alterou. "Quando apresentei as emendas já imaginava que elas fossem rejeitadas. Tanto que na justificativa dessas emendas deixava claro que, mesmo com sua inclusão, a luta pela revogação integral da LSN deveria prosseguir. A lei foi aprovada, beneficia alguns presos políticos atuais, mas, no conjunto, mantém a mesma essência fascista e arbitrária da lei anterior. Essa nova LSN também não interessa ao povo, aos patriotas e democratas. A luta pela sua revogação integral deve prosseguir até o final", argumentou Haroldo Lima. (Monica de Oliveira Filho, Brasília)



Eleições diretas: uma exigência da Convenção Nacional do PMDB

O Grupo Teotônio Vilela

A figura do senador Teotônio Vilela esteve presente em todos os momentos da Convenção Nacional do PMDB. Por proposta do jornalista Fernando Tolentino, secretário-geral do PMDB-DF, endossada por Ulysses Guimarães, o senador da Anistia foi escolhido "Patrão do PMDB". Além disso, um dos momentos mais emocionantes da Convenção foi quando Teotônio Vilela Filho ocupou a tribuna para falar aos convençionais:

"— Não sou sucessor de Teotônio Vilela. Nós todos somos os continuadores de sua luta pela soberania nacional, ameaçada pelas concessões ao FMI e aos banqueiros internacionais. Todos nós somos os continuadores da batalha pela democracia, ameaçada pelos que vêm nas eleições indiretas a única forma de conservarem ou alcançarem privilégios no governo, de continuarem na prática de escândalos, nas anomalias que transformaram em rotina administrativa e que agridem o sentimento de honra dos brasileiros".

Mas a melhor homenagem a Teotônio foi o lançamento do Grupo Teotônio Vilela, uma articulação dos setores progressistas, independente e autônoma da Executiva nacional, e que pretende combater o avanço dos conciliadores na direção do partido. O grupo foi anunciado pelo deputado Haroldo Lima (BA) e o Manifesto de Lançamento, encabeçado por Teotônio Vilela Filho, foi lido pelo ex-deputado federal de Mato Grosso, Antônio Carlos de Oliveira. Eis os principais trechos do Manifesto:

"Um reduzido grupo de líderes, agindo em benefício próprio, procura encaminhar a ação política do PMDB para o campo do que se convencionou chamar de Conciliação.

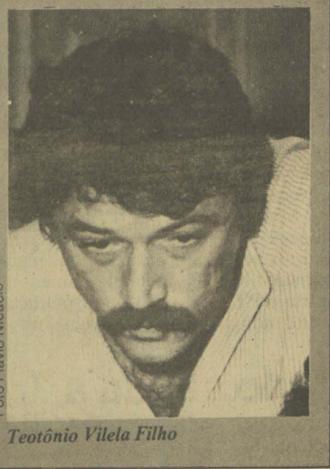
"Coroando essa ação que visa a afastar o PMDB para o entendimento com o regime que sobra, procura-se encaminhar esta Convenção para homologar um PMDB para o 'consenso'. E até a figura de um biónico pretende-se que venha ocupar o segundo

cargo em importância do partido.

"Manifestamos a consciência de que não podemos conciliar com o governo ilegítimo e intransigente que, pelo autoritarismo e pela violência, impôs um modelo econômico, político e social, anti-nacional e anti-popular.

"Manifestamos a compreensão e a certeza de que o diálogo do PMDB só pode ser com a Nação. Daí a nossa firme decisão de lutar pela única e verdadeira forma de conciliação nacional: eleições diretas para presidente da República e de uma Assembleia Nacional Constituinte, capaz de criar um novo governo que rompa os acordos firmados com os banqueiros internacionais, que seja escolhido livre e soberanamente pelo povo e capaz de encontrar as saídas populares para a crise que o país enfrenta.

"Por essas razões, levando em conta o exemplo dignificante de combatividade e honradez que nos legou o maior homem público da atualidade, o senador Teotônio Vilela, é que, nesta Convenção, em defesa do partido e para continuar a luta encetada por ele para resgatar a pura fisio-nomia oposicionista do PMDB, nos constituímos no 'Grupo Teotônio Vilela' para, dentro do PMDB que construímos em nível nacional e em todos os estados, continuar a nossa luta".



Teotônio Vilela Filho

Ato pelas diretas no Rio de Janeiro

O ato de lançamento da Campanha por Eleições Diretas para Presidente, realizado na noite de quarta-feira passada no Rio de Janeiro, foi um sucesso. Marcado para o plenário da Câmara Municipal, o ato foi transferido para a praça da Cinelândia. Os plenários e as galerias estavam superlotados. Por isso, acabou se realizando nas escadarias da Câmara, com a presença de mais de 1.500 pessoas.

O PMDB esteve presente, através do presidente do diretório regional, Jorge Gama, e do deputado federal do Amazonas, Artur Virgílio

Neto, que representou o presidente nacional do partido, Ulysses Guimarães. Pelo PT compareceu o jurista Hélio Bicudo. A direção do PDT não compareceu. Mas o recém-afastado secretário da Administração, professor Bayar Boiteaux, prestigiou a manifestação, em nome pessoal — como fez questão de ressaltar. A Comissão pela Legalização do PC do Brasil esteve presente, através de Elza Monerat, e leu uma nota que foi bem recebida pelo povo que estava no local. Usaram da palavra ainda representantes da SBPC, IERJ, Clube de Engenharia, ABI, UNE, UEE, UBES,

Movimento Negro, Conclat, CUT e Intersindical.

COMITÊ TEOTÔNIO VILELA
A palavra de ordem mais gritada pelos populares foi "Diretas já, fora Figueiredo e o regime militar!" Na ocasião, foi lançado oficialmente o Comitê Unitário Pelas Eleições Diretas Teotônio Vilela.

Com o sucesso do ato, uma série de setores e forças políticas que não se empenharam em absoluto na campanha até o momento no Rio, como é o caso dos Sindicatos, selaram compromisso de se jogar com toda a força no Comitê daqui para a frente. (da sucursal)



Missão do FMI dita orçamento para 1984

Sem muito alarde, desembarcou no Brasil no começo de dezembro outra missão de humilhação do FMI. Eles vêm para meter a mão no orçamento monetário e no das estatais para 1984. Apesar do otimismo governamental, as contas internacionais do Brasil para 1983 ainda não foram fechadas. Os imperialistas querem mais concessões; senão, o dinheiro não vem.

Com a cumplicidade da grande imprensa, a visita da Sra. Ana Maria Jull, chefe da missão, passa quase despercebida. O governo procurou apresentar um quadro otimista nesse fim de ano: diz que as dificuldades com os banqueiros já foram resolvidas, que a inflação começa a cair, e que com o superávit nas exportações poderemos até crescer um pouco em 84.

Na verdade, nossa situação nunca foi tão trágica. Os banqueiros, o FMI e os bancos centrais dos países emprestadores propositadamente vão retardando a entrega de empréstimos; o fim do ano vai chegando e ainda faltam bilhões de dólares para fechar as contas de 1983.

RECESSÃO BRAVA PARA 1984

É nesse quadro que se encaixa a missão do FMI: dar um golpe de misericórdia, quase no fim do ano, prazo fatal para a declaração



A sra. Jull, um superministro

internacional de falência. E o golpe se concentra na elaboração do orçamento monetário e do orçamento das estatais. O FMI intronete-se e dirige mais um aperto na economia, garantindo maior arrocho e recessão para 1984. E isso depois de três anos seguidos de recessão!

O orçamento monetário é um dos principais instrumentos para as grandes decisões da política econômica de um país capitalista: é um plano que discrimina a quantidade de dinheiro a ser emitido, quantos títulos públicos serão lan-

çados, como crescerá o crédito, como será o financiamento das exportações e da agricultura, que investimentos serão feitos pelas estatais, como será a política cambial.

No regime militar brasileiro, a elaboração do orçamento monetário é monopólio do Poder Executivo, não passa pelo Congresso, não é debatido pelos representantes do povo. Agora, culminando a política de traição à pátria, esse plano tão estratégico é orientado diretamente pelo grande capital estrangeiro, através dos agentes do FMI.

A ALIMENTAÇÃO SUBIU 381%

E os primeiros resultados nefastos dessa visita já vão se fazendo sentir. Figueiredo se apressa em garantir aos estrangeiros que o orçamento será como eles querem. Na segunda-feira, dia 5, Galvães, ministro da Fazenda, declarou que até março todos os subsídios seriam retirados da economia brasileira.

Só com essa notícia, o mercado negro do dólar deu um pulo e a inflação subiu alguns pontos. Para os trabalhadores isso é um assalto, pois um dos setores mais atingidos é a alimentação. Com o começo da retirada dos subsídios em 1983, o custo dos alimentos subiu 381%, calcule só o que poderá acontecer em 1984.

Luiz Gonzaga

Stábile envolvido nos escândalos do BNCC

O estouro de uma série de negociações no valor de vários bilhões de cruzeiros, envolvendo diretores do Banco Nacional de Crédito Cooperativo e o próprio ministro da Agricultura, Amauri Stábile, levou à demissão, no início do mês, do presidente do BNCC, Byron Coelho, e do seu diretor de finanças, Toshio Shibuya.

Funcionários do BNCC admitem ser "muito pouco" o que veio à tona, até o momento, do total de falcatruas realizadas na Entidade. Toshio Shibuya, por exemplo, já foi presidente do BNCC. Foi demitido em 31 de agosto de 1982, por causa do escândalo da Capemi. Mas Amauri Stábile o reconduziu à diretoria do banco, que é vinculado ao Ministério da Agricultura; em 8 de junho deste ano, nomeou-o diretor de finanças.

No cargo, Shibuya controlava o fluxo de caixa do BNCC. Entre julho e outubro, ele desviou para o Banco Valbrás, 2,7 bilhões! Há vários anos que Stábile e Shibuya são ligados à diretoria desse Banco que pertence à multinacional Sharp. Como comissão por esses desvios de verbas (o dinheiro era devolvido ao BNCC, em um mês, sem juros ou correção monetária), Shibuya recebeu Cr\$ 180 milhões...

Outros roubos realizados no BNCC: em 1981, uma cooperativa gaúcha recebeu um financiamento com juros abaixo dos fixados pelo Banco Central; no Paraná, um parente próximo do ministro Stábile conseguiu descontar no banco das cooperativas uma duplicata de Cr\$ 75 milhões, por uma venda fictícia; outro parente do ministro faturou alto, nu-



Stábile: corrupção em família



Byron Coelho: demitido do BNCC

ma negociata na Bahia. Tal negociata envolve o Condomínio Barro Preto, composto por figuras como o presidente do Serpro, José Dion Teles e outros diretores dessa entidade; o secretário de Finanças do governo do Distrito Federal, Celso Abrano; o prefeito de Santana (BA), José Alkimin Leão (ligado ao deputado Prisco Vianna, do PDS); Jessé Coutinho, gerente do Banco do Brasil em Salvador. Dessa trapaça, somando mais de Cr\$ 2 bilhões, sobrou para Afonso Villela Bonilla, o parente de Stábile, Cr\$ 75 milhões. Aliás, este é funcionário do BNCC e também (êta mundo pequeno) do Banco Valbrás (da Sharp).

Com o estouro desses e de outros escândalos, Stábile viu-se obrigado a pedir a demissão de seu colega Toshio Shibuya e do presidente do BNCC, Byron Coelho. Na nota sobre as demissões, o Ministério da Agricultura informava que ocorreram devido às denúncias "veiculadas pela imprensa" e aos "prejuízos que tal fato" (as denúncias, e não a corrupção desbragada) "vem acarre-

tando à instituição".

OUTRAS CORRUPÇÕES

Mas nem só de BNCC e de Ministério da Agricultura vivem os corruptos, no governo do general Figueiredo. O presidente do Conselho Nacional de Petróleo, general Oziel Almeida Costa, autorizou seu genro, José Lino Cypriano, a abrir um posto de gasolina no centro de Goiânia, quando a abertura de tais postos está proibida em todo o país. A autorização do general Oziel ao marido de sua filha data de 1982 e tem um agravante: o parente do general montou o posto em sociedade com Ubirajara de Alencar Avelino, que estava sendo processado pelo próprio CNP por manter um posto de gasolina "fantasma".

E, por falar em corrupção, mais uma do Maluf: o funcionário Djaír dos Santos, da Imprensa Oficial de São Paulo, apresentou à Assembléia Legislativa documentos provando que o ex-governador gastou, na propaganda do PDS, mais de Cr\$ 1 bilhão, com dinheiro do governo.

Projeto do PT promete alianças e novo regime

O Diretório Nacional do PT acaba de distribuir um documento político de preparação para a Convenção Nacional a ser realizada em fevereiro. Os autores reconhecem que até agora o PT só possuía propostas setoriais e fragmentárias, e propõem-se a definir um projeto político, de ruptura do regime vigente, para os trabalhadores alcançarem o poder.

É sempre animador ouvir uma organização política falar em "mudança de regime", ainda mais quando, além disto, o documento do PT promete formular uma "política de alianças", reconhecendo que isolado não pode levar a cabo o seu projeto.

Mas, infelizmente, na hora das questões práticas, o projeto apresentado frustra esta expectativa. Ao falar no novo regime, limita-se timidamente a pugnar por liberdades sindicais e políticas, por mudanças na distribuição de rendas, por autonomia e independência crescentes diante do capital monopolista internacional e nacional. Isto, no entanto, não sai dos limites de uma política democrática reformista. Muitos setores da oposição liberal e conservadora manifestam concordância com estes pontos imediatos. Mesmo assim, faltaria pelo menos definir que tipo de governo poderia efetivar provisoriamente estas orientações. E nisto o PT prefere se omitir, escondendo-

se atrás do pretexto de que "o povo é que deve dizer que forma de governo deverá ser construída".

Mas, se depender do povo, um novo regime de fato, para sair da crise, é uma democracia popular, com o poder fundamentalmente nas mãos dos operários e dos camponeses, rumo ao socialismo. Mesmo que de imediato, para substituir o governo de Figueiredo, possa ser aceitável um governo provisório, como forma prática de abordar o processo revolucionário.

Quanto à política de alianças, também o documento não corresponde ao que promete. O seu eixo é voltado todo o tempo contra os diversos setores da oposição. E inclusive deixa claro que "o PT tem que se preparar para o surgimento de dissidências em meio aos partidos de oposição". As alianças restringem-se, então, a estas dissidências que o PT pretende alimentar, ou seja, em vez da política do "eu sozinho", evolui no máximo

para "eu mais um grupinho". Enfrentar o regime com esta estreiteza já está mais do que provado que resulta em fracasso.

Aliás, o PT permanece com a sua presunção de que a viabilidade de um projeto popular "depende em grande parte da capacidade de aglutinação e de organização do PT". E vai a tal ponto o documento que, ao discutir a luta por eleições diretas, em vez de se preocupar em aglutinar forças para esta grande batalha, a qual pode resultar num poderoso movimento de massas contra o regime, diz que "a luta pela convocação de eleições diretas exige do PT o início dos debates para a apresentação de uma candidatura própria".

Parece que os autores do projeto não aprenderam nada com as lições de 15 de novembro e mais uma vez, ao invés de lutarem pela unidade das oposições para derrotar o regime, pretendem fazer das eleições, se forem conquistadas, apenas um instrumento para organizar o PT. Desta forma é que a linha de pensamento da proposta petista não corresponde à expectativa, não abandona o exclusivismo e permanece superficial.

Deputado saúda a Tribuna Operária

No dia 24 de outubro, o deputado estadual Luciano Siqueira saudou, na Assembléia Legislativa, o lançamento da Campanha Pedro Alexandre da Tribuna Operária em Pernambuco. Ele disse, entre outras coisas:

"Quando um povo se levanta, começa a dar os primeiros sinais da consciência de sua própria força. Desarmado, faz uso de seu inesgotável instinto de criação; variada, por conseguinte, é a sua forma de luta. E foi no bojo daquelas lutas (em 1979) que surgiu o jornal Tribuna Operária. O proletariado brasileiro despontava como principal força no cenário difícil dos embates sociais. Urgia a criação de um veículo próprio, de conteúdo e feição independentes. E sem disfar-



Foto: Arquivo LCO

Luciano Siqueira, deputado estadual, saudou o lançamento da Tribuna Operária em Pernambuco. Ele disse, entre outras coisas: "Quando um povo se levanta, começa a dar os primeiros sinais da consciência de sua própria força. Desarmado, faz uso de seu inesgotável instinto de criação; variada, por conseguinte, é a sua forma de luta. E foi no bojo daquelas lutas (em 1979) que surgiu o jornal Tribuna Operária. O proletariado brasileiro despontava como principal força no cenário difícil dos embates sociais. Urgia a criação de um veículo próprio, de conteúdo e feição independentes. E sem disfar-



Ao lado de José Duarte, Amazonas autografa livros de Enver Hoxha

João Amazonas fala sobre a luta contra o revisionismo

Com o Sindicato dos Jornalistas completamente lotado, o dirigente comunista João Amazonas fez, no último dia 2, em São Paulo, uma palestra sobre "O Socialismo Científico e o Combate ao Revisionismo", no ato de lançamento do livro de Enver Hoxha O Eurocomunismo é Anticomunismo. Reproduzimos abaixo alguns trechos desta palestra:

"Enver Hoxha é desses que, ainda em plena juventude, defrontou-se com uma situação de dificuldades imensas no seu país, ocupado por tropas estrangeiras, em particular pelo exército fascista de Mussolini... Desde essa ocasião ele possuía a compreensão exata de que sem partido da classe operária, guiado pelo marxismo-leninismo, seria impossível cumprir com êxito tão difíceis e gigantescas tarefas... E foi graças às idéias geniais do marxismo-leninismo e à sua expressão prática dentro do Partido Comunista da Albânia que se pôde, passo a passo, vencer os inimigos e, afinal, proclamar, em fins de novembro de 1944, a grande vitória da libertação nacional em marcha para o socialismo na Albânia.

"Enver Hoxha foi também um dos primeiros, talvez o primeiro, a levantar, em nome do Partido do Trabalho da Albânia, sua voz poderosa contra o revisionismo kruschovista... No dia-a-dia, aprofundando as idéias do marxismo-leninismo, ele demonstrava que o kruschovismo não era senão o revisionismo contemporâneo, não era senão as idéias da burguesia que invadiam as nossas fileiras e que causavam tão grandes danos ao movimento revolucionário.

"E agora, nós temos no Brasil esse livro que não é muito volumoso e que se intitula com muita

felicidade 'O Eurocomunismo é Anticomunismo'. Um livro de leitura obrigatória para todos que se interessam pela sorte de seu povo e pelo futuro da humanidade.

"Na parte inicial deste livro, Enver Hoxha faz, pela primeira vez no movimento operário, uma generalização da experiência do movimento revolucionário e proletário mundial no período de pré-guerra, de guerra e no período pós-guerra. Faz uma generalização magnífica do que foi e de como foi o combate marxista-leninista em defesa do socialismo e contra o fascismo. E ao mesmo tempo demonstra como foram se infiltrando, pela falta de suficiente vigilância revolucionária, nas fileiras dos gloriosos partidos criados pela III Internacional, as idéias insidiosas do revisionismo, até transformá-los nesse lixo da História, que são os partidos da França, da Espanha e da Itália, desgraçadamente ainda se intitulam de partidos comunistas.

"Na última parte, Enver Hoxha fala do papel que devem desempenhar os partidos marxistas-leninistas, e faz uma apreciação leninista do que deve ser a atividade dos nossos partidos. Partidos que devem ter amplitude, que devem escolher sistemas de alianças em concordância com a situação concreta de seus países, sempre no

sentido de acumular forças revolucionárias. Esta última parte merece particular atenção de todos os que militam nas fileiras dos partidos efetivamente revolucionários."

SOCIALISMO CIENTÍFICO

Amazonas fez ainda uma síntese do socialismo científico, desmascarando as diversas falsificações com que a burguesia tenta salvar o carcomido sistema capitalista. Ele mostrou que "o revisionismo é o pior inimigo no seio do movimento operário internacional. É uma trincheira da burguesia no seio da classe operária. É a grande arma dos imperialistas para ganhar tempo, para sobreviver, para continuar espoliando a classe operária e os povos de todo o mundo".

E concluiu, cheio de otimismo revolucionário: "Eu acredito cientificamente, estou convencido de que o nosso país e o nosso povo marcham para a vitória, como marcham outros povos, apesar do desespero do imperialismo, do desespero da reação, apesar de todas as infâmias que procuram assacar aos verdadeiros combatentes da causa imortal de Marx, Engels, Lênin e Stálin".

OUTROS ESTADOS

Também em Goiás, no dia 21 do mês passado, no auditório da Universidade Católica; no Rio de Janeiro, no dia 25, no auditório da Associação Brasileira de Imprensa; em Alagoas, Pernambuco e Paraíba, nos dias 24, 25 e 26, foram promovidos atos de lançamento do livro de Enver Hoxha, com palestras de Bernardo Joffily, Rogério Lustosa e José Reynaldo Carvalho.

Profissionais de enfermagem fazem ato em Recife

No dia 5 de dezembro, em Recife, Pernambuco, 250 profissionais de enfermagem e vários populares participaram de um ato de repúdio ao veto do general Figueiredo ao projeto de Lei que reduz a carga horária da categoria de 40 para 30 horas semanais. Estiveram presentes representantes da Associação Brasileira de Enfermagem (seção-PE), da Associação dos Profissionais de Enfermagem de Pernambuco, dos Sindicatos dos Metalúrgicos e dos Médicos, de entidades estudantis e populares. Também compareceu o deputado do PMDB Luciano Siqueira. Foi constituída uma comissão representativa dos enfermeiros, técnicos de enfermagem, atendentes e professores para levar adiante o movimento. (uma componente da comissão)

Motoristas do Piauí processam pelego sindical

Uma comissão de motoristas de ônibus urbanos de Teresina, Piauí, está movendo processo contra o presidente do Sindicato da categoria, Francisco Gomes Calado. Os motoristas descobriram que ele é funcionário público federal trabalhando regularmente e com horário fixo, além de não dar nenhuma assistência ao Sindicato, e muito menos defender os interesses da categoria. O processo enviado a Brasília recebeu parecer favorável. Chegando a Teresina, o tribunal não moveu nenhuma ação contra Calado e entregou-lhe o processo para que ele se defendesse. Na última greve da categoria, Calado negociou a portas fechadas com os empresários, traindo os interesses da classe, mantendo uma carga horária de 16 horas diárias. (da sucursal)

Renovação avança nos sindicatos de Caxias do Sul

Em Caxias do Sul, segundo centro industrial gaúcho, os trabalhadores estão empenhados em renovar seus sindicatos. Sábado, dia 3, foi lançada a Chapa 2, Reconstrução, de oposição à atual diretoria do Sindicato da Construção Civil e Mobiliário, com eleições em fevereiro. O candidato a presidente, Ori da Silva Varella, manifesta confiança na vitória e denunciou à TO que a Chapa 1, na defensiva, "nem sequer tem a coragem de reconhecer que é de fato situação, preferindo mentir".
Dias atrás, importante Sindicato dos Comerciantes de Caxias foi renovado, com a posse da chapa oposicionista, encabeçada por Odete Rodrigues. Confiante nos 11 mil comerciantes de sua base, Odete promete uma "gestão combativa", com "uma posição de vanguarda". (da sucursal)

Mulher caxiense inaugura sede de sua entidade

A União das Mulheres Caxienses, no Rio Grande do Sul, inaugurou no último dia 3 a sua sede, com capacidade para 800 pessoas. O ato inaugural foi coordenado pela presidenta da entidade, Ieda Menezes, e debateu vários problemas enfrentados pela mulher. Estiveram presentes a vereadora pelo PDT Raquel Grazziotin e uma representante do Movimento Feminino Estadual do PMDB, Ana Silva. Na oportunidade falaram a secretária da entidade, Oladis Stefanon, convidadas como Licia Perez e Dilma Linhares, do PDT, além de trabalhadoras presentes ao ato. (da sucursal)

Movimento contra horas extras na Volks de Taubaté

Os metalúrgicos da Volkswagen de Taubaté (SP) estão em luta contra a tentativa da multinacional de obrigá-los a fazer horas extras para compensar as horas paradas por falta de peças devido à última greve no ABC. Dia 21, a maioria dos 500 operários da ala de montagem final abandonou a produção, às 16:30, batendo seus cartões. Durante o movimento, o diretor do Sindicato na empresa, João Batista, foi hostilizado na ala por um batalhão de chefes e feitores. "Foi a maior repressão, juntou logo toda aquela cachorrada fascista", comenta revoltado outro operário. O Sindicato, porém, não se dobrou e soltou uma nota frisando que "é na união que seremos fortes para combatermos as injustiças, para sermos realmente uma Classe poderosa". (da sucursal)

300 favelados repelem grilagem em São Bernardo

A pronta resposta do povo impediu terça-feira, dia 6, uma ação de grilagem urbana, em plena São Bernardo do Campo. Os grileiros chegaram com duas viaturas da PM e derrubaram o barraco de uma das quatro famílias que ocupam o lugar há 27 anos. Mas 300 moradores da favela vizinha, da Farina, mobilizaram-se em solidariedade e ergueram uma enorme barreira de troncos e arame farpado, impedindo ajudar no caso de um novo ataque. "Estamos preparados para o que der e vier", declararam à TO.



Foto: Ovídio Vieira

300 docentes foram ao Palácio do Morumbi

Greve na USP por 132% de aumento

A um mês de completar 50 anos de existência, a Universidade de São Paulo encontra-se às voltas com sérios problemas que vão desde a falta de verbas para pesquisa, falta de democracia interna, até uma greve dos professores por aumento salarial. Duas outras universidades estaduais, a Unicamp e a Unesp também estão mobilizadas na campanha salarial.

Desde julho último as entidades representativas dos professores das três universidades, a Adusp, a Adunicamp e a Adunesp, vêm procurando obter do governo estadual um compromisso maior no sentido de repor o desgaste de seus salários, apoiar a democratização da universidade e aumentar as verbas para pesquisas — foram inclusive em caravana ao Palácio do Morumbi. Até o momento, a única coisa que têm de concreto é uma promessa de que o orçamento para as três universidades em 1984 teria um aumento de 17%, suficiente apenas para mantê-las em seu atual estágio, não permitindo nenhum investimento em pesquisa ou em qualquer outro setor.

Diante disto, os professores da USP e da Unicamp entraram em greve. Segundo o secretário da Adusp, o professor de geografia Wanderley Messias da Costa, o movimento dos professores não é apenas por aumento salarial: "A Adusp — disse ele — é uma entidade que defende os interesses dos professores. Mas numa universidade, principalmente pública, esses interesses não são apenas salariais. Nossa entidade luta, por exemplo, por maior democratização da Universidade, mais recursos materiais para os diversos cursos, contra a elitização do ensino, contra a falta de re-

presentatividade dos órgãos colegiados, por ensino público e gratuito. A Universidade é um patrimônio do povo e não uma empresa onde os operários têm como única preocupação defender seus direitos econômicos".

ALUNOS APÓIAM

Os professores reivindicam reajuste salarial de 132% em janeiro. Esse aumento, segundo eles, apenas manteria o valor real de seus salários igual ao de março deste ano. A greve, no entanto, tem despertado alguma polêmica devido às propostas de parte do professorado de não entregar as provas finais dos alunos e inclusive de boicotar os próximos vestibulares. Segundo o professor Wanderley, a maioria da diretoria da Adusp não apoiará nenhuma medida que possa prejudicar os estudantes. Ele acha necessário encontrar as formas próprias de pressão na defesa dos direitos do corpo docente, sem prejudicar o atendimento à comunidade.

Até o momento, os alunos mostram-se simpáticos ao movimento — a UEE e o DCE da USP emitiram nota em que apoiam os professores. A greve também conta com o apoio da Associação Nacional dos Docentes do Ensino Superior — Andes, que enviou documento ao governador Franco Montoro. (Olivia Rangel)

Servidores federais poderão ir à greve

No dia 15 de dezembro, os servidores públicos federais de São Paulo estarão dando o pontapé inicial de sua campanha salarial realizando uma entrevista coletiva na sede da União Nacional dos Servidores Públicos, UNSP, na capital paulista.

No dia 17, os servidores realizarão sua primeira assembleia a nível estadual e antes disso, no dia 10, farão uma reunião nacional também em São Paulo, na sede da entidade, para coordenar o movimento do funcionalismo federal em todo o país frente às propostas de aumento salarial oferecidas pelo governo.

Segundo avaliação de Mônica Nogueira, secretária da UNSP, até agora os Estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Paraná mostram-se favoráveis a uma ampla mobilização da categoria. As primeiras reações, inclusive, já fizeram o governo avançar e recuar nos índices de aumento. Enquanto os



Foto: L. Carlos Leite

Mônica, secretária da UNSP servidores querem uma complementação de 34% em novembro e um aumento de 160% em janeiro para manter o mesmo poder aquisitivo de 1979, o governo ofereceu 40% em janeiro e 30% em julho, sendo que a última proposta foi de 70% em janeiro e 50% em julho.

Os funcionários públicos federais não se mostram dispostos a aceitar a proposta governamental. Segundo Mônica, "essa proposta é um incitamento concreto à greve".

Disputada eleição dos metalúrgicos do Rio

De 9 a 16 de dezembro, ocorreram as eleições para a nova diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos do Rio de Janeiro. Representando uma categoria de 150 mil trabalhadores, este é o segundo maior Sindicato operário da América do Sul. Neste sentido, a eleição tem importância decisiva para os rumos do movimento sindical brasileiro.

A situação atual da entidade é de total paralisação e desmobilização. Só 11 mil operários — cerca de 7% da categoria — estão sindicalizados, e mesmo esta porcentagem não reflete uma participação ativa na vida sindical. Dominado por pelegos e interventores há 15 anos, o Sindicato enfrenta um desgaste muito grande e a última gestão, do pelego Osvaldo Pimentel, ajudou a enfraquecê-lo ainda mais.

É neste contexto que se formaram três chapas para disputar o pleito. A Chapa 1, União e Luta, é composta por um amplo leque de forças e tem como preocupação central garantir a unidade necessária para reerguer o Sindicato. A Chapa 2 é formada por uma parcela do



Os membros da chapa União e Luta querem dinamizar o Sindicato

PT, sob a direção da Anampos, que não enxergou a necessidade da unidade para superar a fase crítica da entidade, e a Chapa 3, por elementos serviais de Pimentel, ligados ao jornal Hora do Povo e interventores.

"REATIVAR A ENTIDADE"

As vésperas das eleições, a Tri-

buna Operária entrevistou dois membros da Chapa 1: o candidato a presidente, Jorge Carvalho da Silva — que trabalha na Companhia Metropolitana de Aços e faz parte da sua delegação sindical, uma das poucas que funciona —, e o membro da Executiva, José Arimatéia Campos — que trabalha na Empresa Real e é delegado sindical em Nova Iguaçu —, sendo que ambos pertenceram à diretoria anterior, constituindo um núcleo de oposição ao pelego Pimentel.

Para Jorge, o principal objetivo da chapa União e Luta "é a dinamização do nosso Sindicato. Precisamos de uma entidade atuante, combativa, presente nas portas das fábricas, que sindicalize em massa". Neste sentido, ele enfatiza a importância das comissões de fábrica e das delegacias sindicais: "São elas que trazem a mensagem dos operários de dentro das empresas. A não-realização de reuniões de delegados sindicais na atual gestão contribui para o afastamento da categoria. Hoje em dia nosso Sindicato está morto. Nós temos que reativá-lo".

CONTRA A DIVISÃO

A Chapa 1 também defende a participação do Sindicato nas lutas pela redemocratização do país e vê como a primeira batalha política a luta por eleições diretas para presidente da República: "Com a vitória da nossa Chapa, o Sindicato levará esta bandeira para as fábricas, mobilizando a categoria, juntando-se aos demais setores democráticos", afirma Arimatéia. Outro ponto relevante do programa da União e Luta é a defesa da reunificação do movimento sindical: "Existe uma divisão, com a realização de dois Conclats. Mas esta divisão é de cúpula. As bases trabalhadoras entendem que é fundamental a unidade para avançarmos na luta contra a política econômica do governo. Nós defendemos a criação de uma verdadeira Central Única dos Trabalhadores, que congregue todas as categorias sem discriminações", afirma Arimatéia. (da sucursal)



O pelego Pimentel abraçado com seu amigo Marcos Carvalho, da Chapa 3

Os amigos do pelego

Na campanha eleitoral para o Sindicato dos Metalúrgicos do Rio de Janeiro, o prêmio de hipocrisia fica, sem sombra de dúvida, com a Chapa 3, em particular para os simpatizantes do jornal Hora do Povo. Durante toda a gestão do atual pelego Osvaldo Pimentel, que ajudaram a eleger, eles não fizeram outra coisa senão elogiá-lo, agredindo aqueles que o criticavam pelo seu imobilismo e autoritarismo. Agora, na campanha eleitoral, posam de "oposição" a Pimentel. O cabeça da Chapa 3, Marcos Carvalho, ainda tem o deslante de se dizer "adversário ferrenho" do atual presidente. Pensam que a categoria esquece que os dois, Pimentel e Marcos, sempre estiveram unidos contra os interesses dos metalúrgicos.

A chapa de Marcos Carvalho não possui representatividade sindical, tanto que seus membros foram excluídos da Chapa 1 por absoluta falta de trabalho nas empresas. Além disto, tem feito uma campanha suja, nociva à categoria. Durante o combate dos metalúrgicos à aplicação do decreto-lei 2.045, a Chapa 3 chegou a torcer pela vitória dos patrões; alegaram nos bastidores, que a derrota do decreto de arrocho salarial fortaleceria a chapa União e Luta, pois seus membros destacaram-se na mobilização para barrá-lo. Só que no dia 1º de dezembro, depois de muita luta e pressão, o Tribunal Regional do Trabalho deu vitória aos metalúrgicos contra a vontade dos integrantes da chapa de Marcos.

Ocupantes prepararam resistência

Os ocupantes dos três prédios abandonados no bairro Campestre, em Santo André, tentam negociar a aquisição dos apartamentos. Para enfrentar a ameaça de despejo organizam-se de todas as maneiras. Já foram criadas uma Comissão de Moradores e uma de Mulheres. Um dos moradores diz que se livrou do aluguel e que, se sair dali, terá de ir morar debaixo do viaduto.

As 44 famílias que se instalaram há 20 dias nos prédios que estavam abandonados há 5 anos em Santo André, no ABC paulista, estão tentando negociar a compra dos apartamentos. Enquanto a solução não sai, os moradores se organizam: durante a primeira assembleia foi escolhida uma comissão de 15 moradores, responsável pelas negociações e pela organização dentro do conjunto.

No final de semana, juntos, os moradores fazem os mutirões de limpeza — a união facilita o trabalho, pois existe apenas uma torneira coletiva para levar água nos baldes para todos os apartamentos. Existem também as rondas noturnas, feitas em rodízio durante toda a noite: a qualquer anormalidade, é dado um alerta e todos se reúnem num local predeterminado — ninguém quer ser pego desprevenido, caso os policiais apareçam com ordem de despejo.

As mulheres também se mobilizam: enquanto seus maridos estão trabalhando, elas se encarregam da segurança do conjunto. Elas criaram uma Comissão de Mulheres, que no momento está lutando para conseguir água e luz, mas elas estão dispostas a ir até as últimas conseqüências para defen-

der o direito à moradia. Segundo uma moradora, "nós estamos preparadas para enfrentar a polícia com pau e pedra", caso tentem despejá-los.

Os moradores que foram desalojados com extrema violência do Conjunto Ipesp (veja TO nº 146) enfrentam enormes dificuldades em seu novo local de moradia. As 67 famílias estão alojadas em peque-

nos cubículos de um cômodo, no Conjunto Pró-Morar, no bairro Sapopemba, em São Paulo. Além de não ter água nem luz, a maioria ficou sem seus móveis. Parte deles foi destruída pelos policiais, que os jogaram janela abaixo ou queimaram-nos, e o restante ficou retido num depósito do Ipesp.

As crianças são uma das maiores vítimas desta situação precária. Existem ali 72 crianças (entre 2 meses e 5 anos) que, em razão da falta de higiene e da má nutrição, estão sendo atacadas pela diarreia; outras gritam à noite, com pesadelos, devido às cenas de violência que presenciaram.



As mulheres têm um papel destacado na organização dos ocupantes

CDM
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois



Têxteis baianos fazem primeira greve desde 1919

Cansados de serem explorados, no dia 16 de novembro os operários da Banylsa Tecelagem do Brasil S.A. cruzaram os braços durante 15 horas exigindo dos patrões o atendimento de suas reivindicações: depósito imediato do FGTS, cumprimento do acordo coletivo estabelecido em setembro deste ano, estabilidade de emprego de um ano para os três operários que integraram a comissão de negociação, não desconto das horas paradas nos salários e não punição disciplinar dos grevistas.

Às 5:30 todo o turno da manhã parou. A fábrica que normalmente funciona com oito extrusores, neste dia operou com apenas um. Às 6:00 hs, chega na porta da fábrica o diretor administrativo, Clésio Batista, que nesse dia teve um sono mais curto. Ameaçou os operários de demissão para que eles entrassem. Mas tudo foi em vão. Ninguém entrou.

Às 14:00 hs os operá-

rios driblaram a polícia de choque que desde cedo ocupou a área interna da fábrica até a rotatória para esperar o turno da tarde. Todos desceram dos ônibus. Assim esgotava-se a última esperança dos patrões, que tiveram que ceder.

Dessa maneira, acredita João dos Passos, ex-líder metalúrgico, cassado e que atualmente está cego devido às torturas sofridas pelos aparelhos repressivos políticos do governo: "Os têxteis baianos revivem um passado de 64 anos. Pois a última greve que realizaram foi a de 1919, que durou 8 dias culminando com uma grande passeata, liderada pela combativa fundadora do Sindicato dos Têxteis, Maria Antusa. A greve tinha como reivindicação principal a redução da jornada de trabalho de 10 para 8 horas".

A vitoriosa greve dos trabalhadores da Banylsa mostra na prática o importante papel do Sindicato, que é o de unir, or-

ganizar e conscientizar os operários para lutarem em defesa de seus direitos. Vencemos apenas uma batalha, pois sabemos que outras lutas virão. Os trabalhadores da Fagip, Linhas Corrente, Fiaes, Estopas Biriba, Celanese, Cata Nordeste, Cobafi e Fisiba também sofrem os mais diversos tipos de exploração. E para por fim a esta exploração é preciso partir para a luta. Por isso é fundamental que todos acreditem no Sindicato.

Entretanto, esclarecemos que o Sindicato não é a solução para todos os nossos problemas. É apenas um canal de organização e luta dos trabalhadores. Para mudar a situação é necessária uma transformação da sociedade, para que tenhamos um mundo melhor e mais humano, onde não sejam alguns ricos, os únicos a desfrutar das riquezas, mas todos os que trabalham. (Maria Elizete de Souza-Diretora Secretária do Sindicato dos Têxteis-Salvador, Bahia).

FALA O POVO



fala o POVO

Maria Elizete, diretora do Sindicato dos Têxteis de Salvador, na Bahia, nos relata numa carta como os operários da Banylsa, na primeira greve da categoria desde 1919 conseguiram êxitos importantes por se manterem coesos na defesa de suas reivindicações.

Chamamos a atenção também para o espírito internacionalista de um outro baiano que se preocupa com os destinos do povo irmão da Nicarágua. (Olívia Rangel)

Autometal cede e operários recebem aumento pedido

Os companheiros da Autometal mobilizados internamente para entrar em greve mostraram grande coragem para a luta. Caso a empresa não desse o aumento reivindicado pela categoria cruzariam os braços. Os patrões, sentindo a mobilização, atenderam a reivindicação dos trabalhadores.

Os companheiros começaram a preparar a mobilização uma semana antes da data marcada para a greve, que seria na terça-feira, dia 29, às 12:00 horas. Quatro dias antes todos estavam em estado de greve e discutindo os seus direitos, quando o advogado da firma levou ao conhecimento dos companheiros que a firma estava estudando uma forma de dar o aumento pedido. Nos pediram um prazo de dois dias para a resposta.

Na segunda-feira, dia 28, obtivemos a resposta desejada. No quadro de aviso estava um informativo dizendo que a empresa daria todo o aumento desejado. Esta foi uma vitória de todos os companheiros da Autometal contra a política de arrocho salarial. (grupo de operários da Autometal-Diadema, São Paulo)

No restaurante do HC a comida não é refeição, é ração!

É calamitoso o estado do restaurante onde comem os funcionários do Hospital das Clínicas. Ele chegou a receber o apelido de **Bonzo**, nome de uma ração para cachorros. O logotipo do Bonzo é: "Isto não é refeição, é ração!".

O atendimento lá vai de mal a pior. Fora a demora no atendimento, a comida que servem é uma porcaria. Funcionários são constantemente vítimas de terríveis cólicas intestinais e diarreia. O pessoal da mão-de-obra pesada, como o setor A-9, é o mais sacrificado por este estado de coisas. É realmente um absurdo o que acontece no maior hospital da América Latina.

Quando foi instituído o ticket, fruto da mobilização dos funcionários, ele valia por uma refeição digna de um ser humano. Hoje ele vale 400 cruzeiros, quando um simples sanduíche custa 500 cruzeiros. A Associação de Servidores do HC se omite. Os diretores da Associação têm alguns privilégios: comem pratos especiais pelo valor do ticket quando pagam, enquanto os demais servidores comem ração. (grupo de amigos da TO no Hospital das Clínicas-São Paulo, SP).

Teotônio

Com a palavra liberdade
Ele anunciava uma grande verdade:
a Democracia
Por isso o PMDB o chamou
de Herói da democracia
Mas ele é muito mais
Ele é o mensageiro da alegria
porque pregava uma democracia
de Liberdade, noite e dia
Teotônio, você é mais que
um mensageiro da verdade
Você é o rei da Liberdade

Que Deus e o Espírito Santo
o conduzam para o céu
e lá, rogue pela liberdade
do seu povo
aqui na terra.

(Domingos Alton de Carvalho — 13 anos — Jequié, Bahia)



Brasileiros ajudem a Nicarágua ameaçada!

Li na página 2 da TO um artigo sobre a situação da Nicarágua, onde o porta-voz daquele país, Freddy Figueiroa pedia a ajuda de todos os brasileiros que são contra o imperialismo.

Vocês, médicos, vocês enfermeiros, dêem de si o que aprenderam para libertar uma nação. Ajudando-os vocês estão ajudando a sua própria nação, da ameaça brutal dos norte-americanos. Eles já nos invadiram culturalmente e dentro em breve poderão estar com seus urubus na nossa Pátria. Não só os médicos e enfermeiros, mas o povo em geral tem que se solidário aos nicaraguenses.

Temos que impedir que uma nação se torne colônia.

Brasileiros, partam com bravura para ajudar nossos irmãos! Já que queremos ser livres comecemos a ajudar quem ainda não foi escravizado. Como eu gostaria de ser um homem por completo! A paralisia infantil atingiu minhas duas pernas. Meu desejo maior nesse momento é partir com uma arma até a Nicarágua e juntar-me aos bravos irmãos.

A Nicarágua pede ajuda ao mundo, inclusive ao Brasil. Eu tenho a certeza de que meus irmãos brasileiros não ficarão de braços cruzados. E com

a ajuda do resto do mundo a Nicarágua será livre por completo. Sangue e mais sangue será derramado. Mas só com arma, infelizmente, se faz uma revolução. E a Nicarágua terá na sua terra o sangue de todos os homens que não aprenderam a ser escravos. Sangue de almas livres. A Pátria jamais os esquecerá. Pois do sangue que ficará no chão brotarão novos guerreiros. E da Nicarágua eles partirão para outras bandeiras ameaçadas. A Nicarágua não tem preço para a sua liberdade. Por isso a gente precisa ajudá-la antes que os ianques façam como fizeram com Granada. (D.S.-Salvador, Bahia).

Hora-extra tira o emprego de muitos

Começamos denunciando que a Colortec obriga seus operários a fazer hora-extra para aumentar o estoque e em seguida demite os companheiros impiedosamente. Foi o nosso caso. Demos o nosso sangue, parte de nossa vida e a paga que recebemos foi a perda de nossos empregos.

Os companheiros até hoje são obrigados a trabalhar das 7:30 às 20 horas apenas com a marmita, pois a empresa obriga os operários a fazer hora-extra e não dá lanche. Entendemos que obrigar a fazer hora-ex-

tra é um absurdo, pois além de aumentar a exploração do homem pelo homem está tirando o lugar de muitos companheiros. A Colortec poderia muito bem aumentar o número de operários ou fazer dois turnos. Mas isso para o patrão não interessa, ele só quer saber de lucro e mais lucro.

A empresa nunca pagou insalubridade para ninguém. Todos os companheiros estão expostos a raios de solda e cheiro de diversos produtos químicos. Os operários andam na seção de chapa

de chinelo no dedo. E quando um adoecer e retorna tem que sofrer as piores humilhações. O Nelão (uma espécie de gerente) que não é médico, ofende os companheiros, dizendo que estão fazendo de manhã para ganhar o dia sem trabalhar.

Nós, ex-operários, estamos denunciando essas irregularidades porque não queremos que nossos companheiros sofram as mesmas desventuras e passem a lutar por seus direitos. Senão, quem vai lutar? (ex-operários da Colortec-São Paulo, SP)

Starco só visa o lucro

A Starco é uma metalúrgica do mesmo grupo da Cebec. Ambas fabricam equipamentos de refrigeração. São firmas que lucram horrores todo ano, com produções aceleradas. Mas agora com esta crise que o país atravessa, cujas consequências os trabalhadores vêm sofrendo há tempos, os patrões acham-se no direito de jogar mais miséria em nossas costas.

Um dos donos da Starco veio em nossa assembleia passando por bom patrão, dizendo que sempre foi amigo dos trabalhadores. Mas não nos

iludimos porque patrão só visa o lucro e a exploração dos operários.

Estamos há tempo nos organizando na fábrica como no Sindicato.

Nesse momento a Starco está atrasando o pagamento, não pagou a 1ª parcela do 13º salário e ainda correm notícias pela fábrica de que a produção nesta unidade está caindo porque a Starco estaria abrindo outra firma no interior. Com nossa unidade e organização não foi difícil parar a fábrica nos dias 1º e 2 de dezembro. Assim conseguimos o 13º salário e o

pagamento para o dia 12 de dezembro. Voltamos a trabalhar em estado de emergência, qualquer irregularidade da empresa voltamos a cruzar os braços. Esta greve mostrou uma forte união dos trabalhadores, tanto na produção como no escritório, com destaque para as mulheres do escritório, que se destacaram como lideranças. A assembleia onde decidimos retornar ao trabalho foi na porta da fábrica e todos estavam contentes com os resultados obtidos. (operários da Starco-São Paulo, SP)

Impune assassino de Gervásio

O assassinato do professor Gervásio Santana Dourado, ativo defensor de sua categoria, articulador do Centro do Professorado de Goiás em Aparecida de Goiânia, presidente da Associação de Moradores da Vila Brasília e militante do Bloco Popular do PMDB, continua sem solução.

Gervásio foi sequestrado, em Goiânia, no dia 11 de novembro. Três dias depois foi encontrado com dois tiros na cabeça, próximo à cidade de Bela Vista. Seu corpo, que apresentava sinais visíveis de tortura, já estava em estado de decomposição. No último dia 25 foi reali-

zada uma manifestação por orientação do CPG em frente ao Centro Administrativo. Os professores e as entidades presentes repudiaram o assassinato do professor Gervásio e exigiram a apuração imediata do caso. Durante a manifestação os professores encaminharam um documento ao governador Iris Resende manifestando o pesar da categoria e de todo o povo contra a violência crescente, em particular a que vitimou o jovem professor.

Gervásio tinha 22 anos, estava desempregado e estudava Pedagogia na Univer-

sidade Católica. Os seus conhecidos acreditam que ele foi assassinado devido a sua postura crítica e combativa. Os três últimos prefeitos de Aparecida encontraram em Gervásio um forte oponente às medidas populares colocadas em prática por estes administradores. As bandeiras que Gervásio empunhou enquanto vivo não serão arriadas. A luta pelo fim do regime militar, por eleições diretas para presidente da República, por um mundo de paz, justiça e liberdade continuará, até a vitória final! (Luís Antônio Freitas - professor - Goiânia, Goiás)



Os trabalhadores da Comurg não querem aceitar as arbitrariedades da empresa

Assalariado é como escravo na Comurg

Na Comurg reina um clima de medo e revolta. É grande o número de funcionários demitidos. O alvo principal são os funcionários mais antigos que recebem salário um pouco maior. Eles são substituídos por novatos contratados com salários inferiores.

Os trabalhadores licenciados por questões de saúde, quando retornam ao trabalho são despedidos arbitrariamente. Por isso, muitas pessoas estão trabalhando doentes, pois temem ser licenciadas e depois despedidas. A exploração dos empregados nunca foi tão grande. O presidente da Comurg, Sebastião Carlos, ordenou que não é mais

para pagar as horas-extras dos funcionários. Quem se recusa a fazer as tais horas-extras é ameaçado de demissão. Temos que trabalhar de graça, horas e horas, e receber um mísero salário.

Os caminhões que transportam os trabalhadores não possuem nenhuma segurança. Há alguns meses atrás houve uma acidente que fez 37 vítimas, duas fatais. Estes carros não são cobertos, não possuem bancos e não contam com nenhuma higiene — são os mesmos que transportam lixo. Além disso, a direção da Comurg não está pagando o adicional de

insalubridade nem fornecendo os equipamentos para proteção no trabalho. O nosso Sindicato também está sendo afetado pelas arbitrariedades da Comurg. A empresa não está passando para ele as contribuições sindicais dos funcionários. Cerca de três milhões de cruzeiros do Seacons estão retidos pela Comurg. Essa situação não pode continuar. Nós, que elegemos um governo de oposição para realizar mudanças, não aceitaremos que métodos do tempo do PDS sejam colocados em prática pelo governo do PMDB. (grupo de funcionários amigos da TO na Comurg-Goiânia, Goiás).

LIÇÕES DA LUTA OPERÁRIA

A hegemonia da revolução

Falando sobre a situação da Rússia às vésperas da insurreição de 1905, Lênin mostrava: "A burguesia tem como aspiração um acordo, o mais pacífico possível, entre o Czar e o povo revolucionário, um acordo que deixe a maior parte do poder nas mãos da burguesia, e a menor parte com o povo revolucionário, o proletariado e o campesinato". Esta observação ajuda a compreender certas disputas na oposição brasileira atual

OPOSIÇÃO MAS NÃO MUITO
Nesta etapa da luta revolucionária, o proletariado tem que caminhar ao lado da oposição burguesa e pequeno-burguesa em muitos combates. Na situação de hoje, por exemplo, vários setores das classes dominantes se opõem ao poder estabelecido. Mas pretendem acabar com o regime militar através de acordos de cúpula. No plano destes setores as massas devem servir como força de pressão para obrigar os ocupantes do Planalto a ceder posições. Se por um lado fazem oposição ao regime militar, por outro lado temem as forças populares e a revolução. Tendem por isto para a conciliação.

A pequena burguesia também se levanta contra o regime. Tem uma posição mais combativa mas também vacila diante da revolução. No seu último documento, por exemplo, o Partido dos Trabalhadores — que é uma expressão nítida da pequena-burguesia — fala em "formular um projeto político para os trabalhadores alcançarem o poder", mas na hora das propostas conclui por "um regime de amplas liberdades sindicais e políticas, de mudanças substanciais da distribuição de renda e de autonomia e independência crescentes... diante do capital monopolista nacional e internacional." Ou seja, um palavreado radical mas um conteúdo reformista.

LUTA PELA DIREÇÃO

Tanto a burguesia como a pequena-burguesia tratam de conquistar os trabalhadores para as suas posições. Seu projeto é exatamente disputar a direção do movimento popular para afastar as massas do caminho revolucionário e chegar ao que Lênin aponta como "um acordo o mais pacífico possível" com os generais, que coloque a maior parte do poder nas mãos da burguesia e a menor parte com o povo.

Em função destas vacilações, muitas vezes aparece no seio do proletariado a tendência infantil de confundir a oposição burguesa e pequeno-burguesa com o próprio regime militar ou com suas forças de sustentação. Cair nesta tentação estreita só poderia servir aos donos do poder. A política do proletariado deve ser a de estimular as iniciativas de luta e criticar vigorosamente as tendências à conciliação. E fazer todos os esforços para manter uma ampla frente única democrática, incluindo mesmo os mais vacilantes e incoerentes.

PAPEL DO PROLETARIADO

Mas uma coisa é lutar pela frente-única e outra coisa é diluir as forças da classe operária nesta frente. A questão chave para a classe operária é exatamente a de organizar as suas forças independentemente, manter a sua autonomia política e ideológica, disputar a hegemonia do movimento revolucionário dentro da frente-única. Forjar a unidade mais extensa com a direção mais firme, sem ampliar inutilmente o campo dos inimigos.

Lênin, continuando o raciocínio citado no primeiro parágrafo, aponta: "O resultado da revolução depende do papel que a classe operária nela desempenhar: o de se limitar a ser um auxiliar da burguesia... ou de assumir o papel de dirigente da revolução popular."



Polícia: pivô e patrocinadora da violência nos estádios.

Violência nos estádios ameaça as torcidas

As torcidas organizadas do futebol paulista atravessam uma fase de violência de tal forma radicalizada que pode resultar no seu desaparecimento dos estádios. As lideranças acusam a polícia despreparada e os cartolas irresponsáveis, e prometem dissolver seus grupos caso não consigam frear a sede de violência dos torcedores.

A presença das torcidas organizadas nos estádios é exigência fundamental para um espetáculo bonito e emocionante. A forma apaixonada com que elas saudam as suas equipes na boca do túnel, a vibração na comemoração dos gols e das vitórias, o incentivo que elas transmitem aos jogadores dentro das quatro linhas fazem delas peças indispensáveis para o sucesso do futebol. A grande maioria delas foi fundada no início da década de 70, sempre mal recebidas pelos cartolas vaidosos, que nunca querem dividir com ninguém o prestígio proporcionado pelas vitórias. Hoje, entretanto, a violência que os seus integrantes tem exibido nos estádios ameaça a sua existência.

Os líderes das diversas facções são unânimes em afirmar que persistindo o nível atual de violência não lhes restará outra alternativa se não lutar pela dissolução daquilo que construíram com anos de dedicação e luta contra todo tipo de adversidade.

A polícia e os cartolas são os principais alvos das críticas dos chefes de torcidas. Uns e outros nunca reconheceram a legitimidade das torcidas como parte integrantes dos espetáculos e mesmo da vida dos clubes. Sempre as viram como indesejáveis, intrusos, justamente elas que mais contribuem para a lotação dos estádios e a popularização do esporte e seus principais ídolos.

E não é somente a discriminação que provoca a re-

volta dos torcedores. A maratonada que qualquer um deles enfrenta ao se aventurar a assistir um grande jogo é coisa para expor os nervos ao mínimo arranhão. A condução é super-lotada e cara. As bilheterias vendem milhares de ingressos além da capacidade dos estádios. O preço dos ingressos é abusivo, e nas arquibancadas paga-se por um copo de água o preço de uma cerveja.

E a polícia entra para acender o estopim. O seu despreparo é tão grande que o comandante do destacamento que atendia ao último jogo entre Corinthians e Santos queria exigir dos torcedores corinthianos que permanecessem sentados. Isso ao fim do segundo tempo, quando o time perdia por um a zero. Diante da inevitável recusa dos torcedores em obedecer tão absurda determinação, os policiais partiram para a agressão, e a pancadaria se estendeu até após o final do jogo, fora do estádio.

Com todos esses "atrevimentos" há dias em que a violência se contém durante toda a partida. Como no clássico entre Palmeiras e Corinthians, que terminou sem nenhuma confusão. Mas na saída do público, a polícia resolveu castigar alguns torcedores que, não tendo conseguido atingir os minúsculos sanitários, esvaziavam a bexiga atrás das colunas das arquibancadas. Instalou-se o tumulto, os garbosos policiais "restabeleceram a ordem" e acabou o sossego da enfermaria do estádio. (J. Madureira)

A música resiste, com Beth Carvalho

Beth Carvalho lançou um novo disco: "Suor no Rosto". Gravou sambas, músicas carnavalescas, e o jongo. Um disco com 13 músicas. E, na apresentação de seu novo trabalho à imprensa, discorreu sobre a nossa música popular, a dominação estrangeira, o capitalismo reacionário e a necessidade da união para por fim ao atual estado de coisas. Queixou-se também de ter que lançar um Lp por ano: "O disco fica subaproveitado. O disco deveria durar pelo menos três anos!"



Beth Carvalho e Vovó Maria Joana dançam o jongo, na Serrinha

No disco, quatro faixas carnavalescas (um belíssimo frevo, "Sedução", de Luiz Bandeira), e algumas coisas incomuns: um partido alto com dois refrões, "Jiló com Pimenta", de Arlindo Cruz e Zeca Pagodinho; um violão-tenor, executado por Zé Meneses, no samba "Camarão que dorme a onda leva", de Beto S/Braço, Zeca Pagodinho e Arlindo Cruz; e, de quebra, música inédita de Cartola, "Amargo Presente", e uma seleção de jongs. Seleção que agrada a cantora e também os ouvintes:

O JONGO NÃO PODE MORRER

— "Ano passado eu gravei uma toada. Este ano gravei o jongo. É uma manifestação musical que só exis-

te em Serrinha (Espírito Santo). Usa três instrumentos de percussão — tambu, caxambu e candongueiro. É uma coisa bonita, que deu origem ao samba, principalmente ao partido alto, e que não pode morrer. Na gravação, aproveitei a pronúncia, que é bastante africana. Vovó Maria Joana e o restante do pessoal que faz essa música cantam comigo no disco". Entusiasmada, a sambista dançou o jongo na entrevista coletiva.

Beth Carvalho está, portanto, de disco novo. Queixa-se da dominação cultural a que nosso país está submetido: "O Brasil é o único país que toca mais música estrangeira do que nacional. Isso se deve a um problema político, de um sistema capitalista reacionário e submisso. Querem o

crioulo no morro, o índio arrasado. Querem fazer do samba o ópio do povo, quando não é — é resistência. É feito por gente do povo, cantando o seu cotidiano. Não que eu tenha algo contra a música estrangeira. Não sou reacionária. Respeito um Ray Charles, um Steve Wonder. O que não pode haver é essa submissão, essa vergonha da própria cultura."

"O OUTRO LADO ESTÁ UNIDO"

E aponta saídas: "O que tem que haver é consciência. É preciso a unidade, que o outro lado está unido. Não sou de fazer discurso, de subir em tribuna. Minha briga é por aqui (agita seu último disco). O artista precisa consciência, precisa se unir. Lutamos para nos unir, mas o sistema capitalista nos forma individualistas. Temos que combater essa alienação, temos que trabalhar contra ela. Os que nos governam querem a alienação, a omissão. A minha briga é por aqui (volta a agitar seu disco). A temática deste disco é alegria, que alegria não é alienação. A alegria até dá força para o povo".

Pois é. Beth Carvalho e o "Suor no Rosto". Elifas Andreato a colocou na capa de Colombina, entre confetes e serpentinas verdes, amarelas e vermelhas. A sambista lançou novo disco, como faz todos os anos. Não é novidade. Mas nós lhe somos gratos: a música brasileira resiste. (Carlos Pompe)



Músicos se organizam para mostrar sua arte

Vários artistas que vivem em São Paulo resolveram se organizar em uma companhia de músicos, para divulgar seus trabalhos. Formaram uma banda, Zuera Paulista, e montaram um show, Sobrevoar, que será apresentado dia 14, ao meio-dia, na biblioteca Mário de Andrade. Luiz Pernambuco, de São Lourenço da Mata (PE), conta à **Tribuna Operária** como surgiu a companhia de músicos, e suas propostas:

— Pessoas de diversos gêneros, como sambistas (inclusive com samba enredo premiado em avenida), elementos vindos do rock, da música latina, da música popular, uniram seus trabalhos. Um pessoal que veio do Espírito Santo, Pernambuco e Minas Gerais, e que se juntou a partir de um trabalho de trio elétrico, no carnaval de 1982. Daí para cá desenvolvemos um trabalho com canções nossas, que resultou no show "Sobrevoar". No processo de montagem a banda evoluiu para algo não muito usual, a companhia de música, onde o número de participantes varia de trabalho para trabalho. Na companhia, cada show é montado com independência entre o trabalho de cada elemento. Pretendemos gravar discos, realizar atividades culturais, e até o final do ano lançaremos um livro de um dos membros do grupo, além de um trabalho de teatro infantil. "Só risos de jacaré".

MUSICAL

SOBREVOAR

BANDA ZUERA PAULISTA

TO. O que é o show "Sobrevoar"?

Pernambuco. É um show onde mostramos nossa visão de São Paulo. Como na música que dá título ao show, que procura retratar a ansia de "alçar vôo", que significa romper com as regras do modo de vida, com os valores impostos. Ou como no frevo "Folia Urbana", onde é retratado o carnaval do povo em S. Paulo. Essa perspectiva de romper com as regras não vai no sentido alienante, mas sim de não

se permitir agulhoar pelas imposições da sociedade.

TO. Qual o espaço para este tipo de trabalho?

Pernambuco. A companhia de música abre a perspectiva de mostrar o trabalho nos bares e cafés, com dois, três e mais elementos de cada vez, conforme a disponibilidade do local. Em São Paulo dá para batalhar por espaços nos Centros de Cultura, bibliotecas, universidades, teatros, tevês, praças ou programas da TV Cultural e outros. (José Luiz Passos)

CCO promove Natal das crianças da Bela Vista

O Centro de Cultura Operária de São Paulo realizará, no próximo dia 24, a "Festa de Natal das Crianças da Bela Vista", Teatro, música, jogos serão algumas das atividades desenvolvidas, das 12 às 18 horas na rua Maria José, onde fica a sede da entidade.

Segundo José Duarte, presidente do CCO, "é importante para a nossa entidade a confraternização com a população", daí a realização da festa, última promoção do Centro neste ano.

CCO realizou várias atividades, destacando-se a solenidade em homenagem a Karl Marx, no centenário de sua morte; a criação do Cine Clube, que vem exibindo filmes todos os fins de semana; a promoção de debates e de manifestações artísticas em solidariedade aos povos de El Salvador e Nicarágua.

José Duarte faz um apelo à colaboração de todas as pessoas interessadas na cultura e nas artes para que colaborem com o CCO, que é uma entidade aberta, em 1984".

No decorrer de 1983 o

Uma sugestão para presente:

O Eurocomunismo é Anticomunismo, do dirigente do Partido do Trabalho da Albânia, Enver Hoxha, lançado pela Editora Anita Garibaldi, ao preço de Cr\$ 1.500,00. Pedidos à Editora, através de cheque nominal endereçado à Rua Major Quedinho, 300, sala 3, Cep 01050, São Paulo, capital.



Tribuna Operária

Endereço: Rua Adoniran Barbosa, 53 — Bela Vista São Paulo — CEP 01318.
 Telefone: 36.7531 (DDD 011) Telex: 01132133 TLOPR.
 Jornalista responsável: Pedro de Oliveira.
 Conselho de direção: Rogério Lustosa, Bernardo Joffily, Olivia Rangel.

ALAGOAS: Arapiraca: Praça Marquês da Silva, Ed. Artur F. Neto, Apto. 312 — CEP 57000. Maceal: Rua Cincinato Pinto, 183 — Centro — CEP 57000.

AMAZONAS: Manaus: Rua Simon Bolívar, 231 (ant. Praça da Saudade) — Caixa Postal 1439 — CEP 69000.

BAHIA: Camacari: Rua José Nunes de Matos, 12 — CEP 42800. Feira de Santana: Av. Santos Dumont, 218 — Centro — CEP 44100. Itabuna: Av. Juracy Magalhães, 180, Sala 204 — CEP 45000. Itapetinga: Av. Santos Dumont, 44, 1º andar — Centro. Juazeiro: Rua Américo Alves, 6-A — CEP 44060. Salvador: Rua Senador Costa Pinto, 845, Centro — CEP 40000.

CEARÁ: Fortaleza: Rua do Rosário, 313, sala 203. CEP 60000. Sobral: Av. Dom José, 1236, Sala 4 — CEP 62100.

DISTRITO FEDERAL: Brasília: Edifício Venâncio IV, Sala 312 — CEP 70302.

ESPÍRITO SANTO: Cachoeiro do Itapemirim: Praça Gerônimo Monteiro, 89, Sala 2 Centro 1 Cachoeiro — CEP 29300. Vitória: Av. Vitória, 961, Forte São João — CEP 29000.

GOIÁS: Goiânia: Rua 27 Nº 69 — Centro — CEP 74000.

MARANHÃO: São Luís: Rua do Machado, 174, Centro — CEP 65000.

MATO GROSSO: Cuiabá: Rua Comandante Costa, 548, Fone: 321.5095 — CEP 78000.

MATO GROSSO DO SUL: Campo Grande: Antonio Maria Coelho, 1132, 1º andar, sala 15, CEP 79100.

MINAS GERAIS: Belo Horizonte: Av. Amazonas, 491, Sala 817, Fone: 224.7605 CEP 30000. Juiz de Fora: Galeria Constança Valadarez, 3º Andar, Sala 411 — CEP 36100.

PARÁ: Belém: Rua Aristides Lobo, 620 — Centro — CEP 66000.

PARAÍBA: Campina Grande: Rua Venâncio Neves, 318 1º Andar. CEP 58100. João Pessoa: Rua Padre Meira, 30, Sala 108 — CEP 58000.

PARANÁ: Curitiba: Rua Marim Afonso, 370 — CEP 87000. Londrina: Rua Sergipe, 891, Salas 7 e 8 — CEP 86100.

PIAUI: Teresina: Rua Eliseu Martins, 1130, 1º Andar — CEP 64000.

PERNAMBUCO: Cabo: Rua Vigarão Batista, 236 — CEP 54500. Garanhuns: Rua 13 de Maio, 85 1º andar, sala 3 — CEP 55300. Recife: Rua Sossogo, 221, Boa Vista — CEP 50000.

RIO GRANDE DO NORTE: Natal: Rua Fonseca e Silva, 1096, Sala 202, Aecrim — CEP 59000.

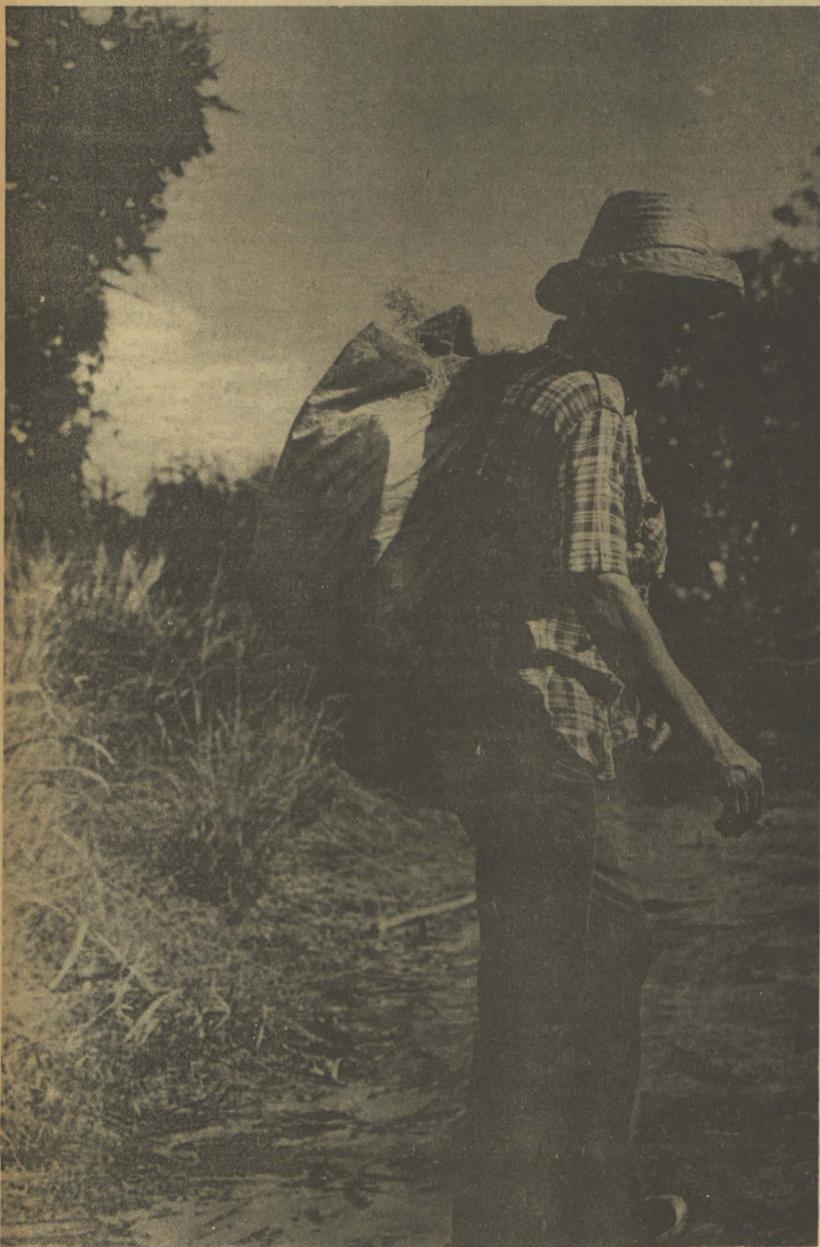
RIO GRANDE DO SUL: Porto Alegre: Rua General Câmara, 52, sala 29 — CEP 90000. Caxias do Sul: Rua Dr. Montauray, 658, 1º Andar, sala 15 — CEP 95100. Pelotas: Rua Andrade Neves, 1589, sala 403 — CEP 96100.

RIO DE JANEIRO: Rio de Janeiro: Rua São José, 90, sala 2208 — CEP 20000. Rio de Janeiro: Rua Carvalho de Souza, 155, loja F, Madureira — CEP 20000. Niterói: Av. Amador Peixoto, 370, sala 807 — CEP 24000. Duque de Caxias: Rua Nunes Alves, 40, sala 101 — CEP 25000. Nova Iguaçu: Rua Otávio Tarquínio, 74, sala 605 — CEP 26000.

SÃO PAULO: São Bernardo do Campo: Rua Tenente Sales, 229, sala 32 — CEP 09700. São Caetano do Sul: Rua Sta. Catarina, 39, Sala 303 — CEP 09500. Campinas: Rua Regente Feijó, 592 — CEP 13100. Marília: Rua Dom Pedro, 180, 1º Andar — CEP 17500. Piracicaba: Rua Gov. Pedro de Toledo, 1367 — CEP 13400. Ribeirão Preto: Rua Senape, 119 — CEP 14100. Santos: Av. D. Pedro II, nº 7 — CEP 11100. São José dos Campos: Rua Sebastião Humel, 185, Sala 7 — CEP 12200. Taubaté: Rua Souza Alves, 632 Sala 5 — CEP 12100.

A TRIBUNA OPERÁRIA é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Composta e impressa por Proposta Editorial, Rua Heitor Penteado, 236, loja 8. Tel: 263.7400. São Paulo-SP.

10 mil brasilguaios expulsos outra vez



Lavrador brasileiro expulso do Paraguai: no caminho de volta, pilhagem da polícia

Mais de 10 mil já cruzaram o rio, novamente expulsos, de volta para o Paraná. São os brasilguaios — como são chamados os camponeses brasileiros que migraram para o Paraguai, em busca de um pedaço de chão para lavrar. Não trazem nada ao retornar à mesma terra de onde foram expulsos anos atrás. Não sobraram nem as esperanças de recomeçar a vida.

Os brasilguaios fazem parte dos milhões de deserdados que a rápida concentração da propriedade da terra condenou à miséria no Brasil. No Paraguai, desbravaram a mata e suaram para estender as lavouras de soja e cana. Em troca receberam agora a dispensa. Tangidos pela violência até a fronteira, ficam em Foz do Iguaçu, onde adensam as favelas, misturados a outros brasileiros de mesmo destino e a cerca de 15 mil paraguaios que sobrevivem à mesma miséria.

FALSAS PROMESSAS

Mais de 300 mil colonos brasileiros, especialmente do Paraná, migraram para o Paraguai na década de 70. Perderam sua terra, sua posse, sua lavoura. Nesse período desapareceram mais de 100 mil estabelecimentos rurais no Paraná. A concentração fundiária foi rápida e violenta, substituindo as pequenas propriedades por extensas plantações de soja. Saíram do Estado 1,3 milhão de lavradores, primeiro para o Mato Grosso do Sul, mais tarde para o Paraguai e por fim para a Amazônia.

As companhias colonizadoras paraguaias faziam grandes promessas: terra, legalização da propriedade, apoio para a produção. Mas os emigrantes não conseguiram terra — nem mesmo aqueles que aplicaram na compra suas últimas economias, os últimos tostões que receberam de indenização de Itaipu, por exemplo. Os grandes proprietários do Paraguai se utilizaram da experiência e disposição dos trabalhadores brasileiros para implantar novas culturas. Feito o trabalho, expulsaram-nos.

NA POLÍCIA, O SAQUE

O bispo Van Aaken, da prelaquia do Alto Paraná, denuncia a situação dos brasilguaios: "Na maioria dos casos são vítimas de exploradores, submetidos a condições de vida e de trabalho absurdas, ainda piores do que aquelas vividas pelos trabalhadores rurais paraguaios, se é que isto é possível". Antes de cruzarem a fronteira, ainda são saqueados pela polícia do ditador Stroessner. Muitos deixam seus últimos pertences no derradeiro posto policial paraguaio.

De volta ao Paraná, não acham terras para lavrar, a não ser que partam para uma nova aventura, na Amazônia, desta vez patrocinada pelo Inbra. Só lhes resta juntarem-se aos invasores de grandes latifúndios improdutivos, como as fazendas Três Pinheiros, Padroeira, Anoni, Giacomet e Marodim, alguns dos pontos de luta no Estado. Ou atuar nos *Mastros* — Movimentos de Trabalhadores sem Terra — que organizam a luta de milhares de colonos para permanecerem em suas nesgas de chão ou exigirem glebas para cultivar.

Em sua maioria, os brasilguaios há 15 anos eram pequenos proprietários, posseiros, arrendatários, dedicados à produção de subsistência. Agora, privados do direito de cultivar o chão, expressam um dos aspectos mais trágicos da realidade brasileira.

(da sucursal)

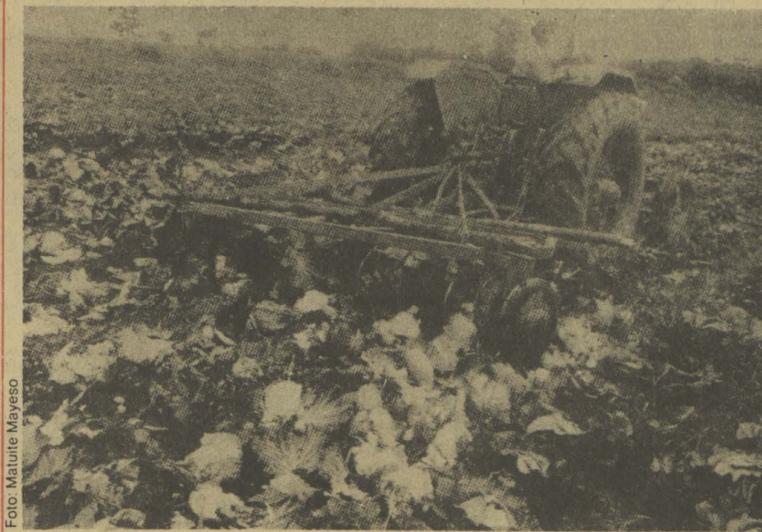


Foto: Matulite Mayesco

Crise obriga lavradores a destruir suas hortas

Os pequenos e médios agricultores do cinturão hortigranjeiro da Grande São Paulo estão passando seus tratores por cima das plantações, ou deixando-as apodrecer ao sol. A situação, aparentemente absurda diante da existência de inensas legiões de famintos no país, é fruto direto da crise. Em face do aumento astronômico do preço das hortaliças, os consumidores simplesmente deixaram de comprá-las, gerando uma brusca queda de preços, sem que houvesse um aumento correspondente na procura.

Hoje, uma saca de repolho de 45 quilos, que custa em média Cr\$ 3 mil para ser produzida e já chegou a ser vendida a Cr\$ 100 mil, não alcança mais do que Cr\$ 500 na Central de Abastecimento. Uma caixa de cenoura de 25 quilos,

com custo de produção de Cr\$ 4.500, está cotada em Cr\$ 2 mil.

Os horticultores de São Paulo, geralmente pequenos e médios proprietários ou arrendatários, eram no entanto um setor relativamente próspero até há pouco. Inclusive recorriam, além da mão-de-obra familiar, a um número crescente de assalariados. A crise, contudo, afeta-os em cheio, sobretudo porque dependem diretamente do povo consumidor, principal vítima do descalabro econômico. Em consequência já surgem iniciativas como a do município do Embu, cujos agricultores passaram a vender diretamente seus legumes e verduras à população, com apoio da Prefeitura, para escapar ao extermínio devido à queda dos preços.

CNTI envolvida num escândalo multibilionário

Um malcheiroso caso de corrupção estourou, há um mês, na Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria, a CNTI. A mamata inclui as obras multibilionárias de um estranho "centro educacional" vizinho ao sítio de Golbery, as artimanhas do arqui-pego Ari Campista para ter um saldo médio de Cr\$ 12 milhões no banco, ganhando Cr\$ 772 mil por mês.

A faraônica construção começou em 1982, com o dinheiro do imposto sindical dos operários industriais brasileiros. Só o terreno, em Luziânia, a 50 quilômetros de Brasília e junto ao sítio do general Golbery, custou Cr\$ 26 milhões. A construção já gastou mais de Cr\$ 2 milhões.

Uma auditoria do Ministério do Trabalho indica que boa parte desse dinheiro foi para o bolso dos diretores da CNTI. Não houve concorrência pública para a obra. E o secretário de finanças da entidade, Onofre Martins Barbosa, é dono de uma das firmas contratadas, a Zanine e Barbosa Ltda, cujo capital saltou de repente, de Cr\$ 1,2 milhão para Cr\$ 30 milhões.

Várias artimanhas foram usadas para desviar o dinheiro. Só a pintura da casa do sítio consumiu mais de Cr\$ 2 milhões. Ari Campista alega que se trata de um centro educacional para trabalhadores, mas o que está construído são 66 apartamentos com piso acarpetado e banheiro privativo, sete quadras de esporte e um curral. Não há sinal de salas de aula nesse estranho centro educacional. Em compensação, na sede da CNTI em Brasília há dez salas, com circuito fechado de



O arqui-pego Campista: amigo do luxo e do SNI

TV e cabinas de tradução simultânea, mais um auditório para 450 pessoas. No entanto vivem às moscas; trabalhador ali não entra.

UM PELEGO DE LUXO

Toda a diretoria da CNTI está envolvida no escândalo, a começar pelo seu presidente, Ari Campista. Exibindo fotocópias da conta corrente de Campista no Banco Real, o deputado Ayrton Soares denunciou na Câmara Federal que ela teve em agosto um saldo médio de mais de Cr\$ 12 milhões, e registra lançamentos de até Cr\$ 20 milhões, embora seus proventos mensais sejam de "apenas" Cr\$ 772 mil. Isto explica o padrão de vida de Campista, que só usa sapatos importados, anda em luxuosos carros, com motorista e costuma bebericar vinhos estrangeiros.

Apesar da abundância de provas, não se sabe como agirá o Ministério do Trabalho, sempre tão rápido nas intervenções contra sindicatos engajados na luta dos trabalhadores. Campista, afinal, é um velho servil da ditadura, jamis apoiou uma greve e no dia 21 de julho recomendou a não-participação na greve geral, para ele um "movimento subversivo".

Este arqui-pego, capaz de afirmar que "os sindicatos são órgãos de colaboração com o poder público", encastelou-se na CNTI desde 1946. Em 1963, chegou a ser afastado, acusado de traição, mas logo depois do golpe voltou ao posto. Foi nomeado ministro do TST e hoje priva da amizade de vários agentes do SNI, além do próprio ministro Murilo Macedo.

Paraná clama por reforma agrária

Uma ampla manifestação pela reforma agrária, que se repetiu em sete localidades do Paraná, reuniu milhares de bóias-frias e agricultores sem terra. A iniciativa assinalou o 19º aniversário do Estatuto da Terra, transcorrido dia 30 de novembro, sem que o regime militar tenha aplicado uma só de suas cláusulas que aliviam a situação dos lavradores.

Nas faixas e nos discursos, os trabalhadores da terra denunciaram suas péssimas condições de vida, especialmente as dos bóias-frias acampados em Cascavel, sem trabalho, sem água ou luz, sofrendo carência de alimentos e alojamento para suas famílias. Em todas as concentrações os camponeses exigiram não só a aplicação do Estatuto, mas também uma reforma agrária radical, ampla, massiva e imediata.

As primeiras concentrações, em Ortigueira, Umuarama e Pato Branco, ocorreram no dia 26. A maior delas, em Cascavel, reuniu cerca de 1.200 camponeses. A última manifestação, com 360 participantes, foi em Francisco Beltrão, por motivo do 1º Encontro Estadual pela Reforma Agrária.



Manifestação no norte do Paraná: pela aplicação do Estatuto e pela reforma agrária